

á missa, ha até quem diga que vai muito regularmente, e nesta ultima semana Santa andou a visitar as igrejas com a esposa e os filhos, ás claras, com solemnidade...

Quanto ao Paulo Quintela...

Com este ha duvidas, ainda, e poderá ser que tudo não passe de suspiros e por siavelmente um pouco de má lingua.

É certo que tenho notado não sei o quê, ha algum tempo p.<sup>a</sup> cá, certa frieza na maneira de me falar e constante companhia com o Manuel Lopes de Almeida. Isto depois do doutoramento — o que pôde ser explicado pelo facto do capelo lhe subir á cabeça...

Contudo, já me disseram que alguma coisa ha desde então: é que se afirma que a nomeação p.<sup>a</sup> professor efectivo não se faria sem condições.

Será?... não será?

Fica em suspenso, haestavelmente, o julgamento. Até ver.

Mas que tristera isto causa!

É claro que não acredito na sinceridade dos dois primeiramente apontados: nem o Nemesio se converteu nem o Sílvis Lima se desconverteu... Simplesmente o inte-

rease, a falta de firmeza de carácter, os le-  
varam a aquellos actos falsos e bem degra-  
dantes.

Uma tristeza!

Paz: Mo. Pra.

Julho: 18.

Os jornais de hoje recebem cheios da ho-  
menagem prestada ontem no Porto ao gene-  
ral Joaquim Maria Neto, por atingir sua  
mãe ou depois os 65 anos de idade que o fe-  
z passar á reserva.

Serões polenos, campuetes, etc.

Num discurso do official mais graduado  
da Região que falou em nome da officialidade,  
há referencias ás virtudes do general, á sua  
força de carácter, ás suas qualidades de chefe; e  
com palavreado peixado á retórica termina o  
discurso com a afirmação de que prestam  
homenagem « ao Trabalho, ao Valor e á Justi-  
ça e á Verdade » etc. etc.

Tudo muito comumente.

Ora o interessante é que se trata de uma  
autentica utilidade com a agravante de  
ser netuno e creatura dos Jesuitas. Tres  
ministros foram ao Porto para lhe presta-

com as suas homenagemes; e os jornais, com grandes parágrafos, e chaves muitas e muitas colunas com as noticias correspondentes.

Não fosse ele de Camp.º de Jesus!

Paz: Mafra.

Julho: 27.

Fui hoje a Mafra cumprimentar o dr. Alberto Dias Nogueira, juiz da comarca, natural de Arpanil e irmão do escritor e hoje diplomata Albano Nogueira, que, nos tempos de estudante pertenceu ao grupo da Presença.

Depois da visita, no gabinete do tribunal, e quando regressava por esta quintarola, lembrei-me de que, ha tempo, ouvi falar de certa reviravolta no espirito ou no caracter deste Albano Nogueira que esteve preso muitos meses por querer formar uma Frente Popular com o Lopes Graça e outros.

Pois o que me disseram é que, depois de uns dois ou tres annos de jurpatario como ministro em Pretoria, voltou para o ministerio dos Estrangeiros como consultor ou coisa que o valha. E ultimam.<sup>te</sup> é conselheiro privado do proprio Salazar.

Será ou não será assim.

Mas o irmão juiz, ao qual perguntei por ele, disse-me que estava no Brasil, á frente da comissão mandada tratar do accordo economico; e se me não esqueço disse que era o director ou presid.<sup>te</sup> da comissão. Seja á frente ou á latere, o que é certo é que não ira na dita comissão de mão, apenas, personna grata. É natural.

Lá que o Albano Nogueira tem valor, é verdade. Mas seria só o valor que o impôr? Quero crer que mais alguma coisa haveria para o impôr em tão elevada e choruda comissão.

Será ou não será assim.

Fica, parem, como hipótese... Depois do que aqui deixei dito em 13 deste mês, tudo é possível. O meu scepticismo assim o quer.

Paz: Mafra.

Julho: 28.

Carta para o Ernesto Soares, em resposta a uma outra dele:

«... A sua atenciosa carta veio aqui ter ha dias com as boas e amáveis palavras.

« Realmente, O Tripeiro tem-se ocupado da me.<sup>a</sup> pessoa, de modo um pouco estranho, pois as referencias que nele seem são derivadas de cartas particulares dirigidas ao Alberto Meira. Mas daqui não seem qual nenhum ao mundo. . . »

« O meu interesse pela gravura em madeira seem de que, muito novo, aprendi a arte com meu tio materno Albino da Silva; ainda deixei algumas gravuras em tirros e publicações das quais farei um dia uma resenha para « não deixar os credits por mãos alheias. . . »

« A me.<sup>a</sup> vida, parem, foi desviada, talvez, do seu natural caminho; e de certa altura em deante abandonei os livros para me dedicar mais ás Letras e á História. Não sei se foi bom — mas foi assim. »

« Ora com a mellice seem certo exame de consciência e com ele o desejo de deixar ad perpetuam memoriam noticia dos dois fios, aultos gravadores em madeira, aultos artistas de raça que circunstancias varias poderião deixar quasi no esquecimento. »

« Ilum, materno, o meu mestre, foi discípulo de João Pedroso e deixou muitas gravu-

nas, algumas de certo merecimento e das  
 quais em breve publicarei o catalogo na ac-  
 thedora e simpatica Revista de Guimarães.  
 Outro, paterno, Rafael Pimenta, com o cur-  
 so geral das Belas-Artes e de Escultura, foi  
 o principal gravador da officina de Francisco  
 Pastor (tio do Pastor de Macedo) e de trabalho  
 incessantemente até á morte do proprietá-  
 rio da casa. Encisou, tambem, fazer o cata-  
 logo das suas gravuras com notas biographicas  
 para publicar em 1950, anno do 1.º centenario  
 do seu nascimento, mas pei ainda se de meu  
 curso.

« Agradeço as indicações relativas ao mo-  
 nue de Rafael constantes do Dicionario de Bio-  
 graphia. Lastimo não ter sabido, no devido  
 tempo, que andava em nesse trabalho do dicio-  
 nario; ter-me-ia oferecido elementos das mi-  
 nhas collecções de revistas antigas e das de re-  
 tratos de que possuo algumas centenas, ~~em~~  
 muitos dos quais não sejo mencionados na  
 obra de V...

« Deante ao nosso common amigo Fer-  
 reira de Lima, só direi que me tem incomoda-  
 do muito o seu estado. Polve Amigo! Per-  
 demos um homem de caracter e um compa-

meio de trabalhos inextinguíveis. E' assim  
a vida.

« Bem-vos os meus agradecim.<sup>to</sup> etc. »

Paz: Maíra.

Julho: 29.

Carta ao Sr. Saturno Dires, a propósito de se-  
rie de artigos que está publicando na Defesa  
Nacional acerca do Marquês de Alorna.

«... Aqui não ter mais um número

da Defesa com o seu terceiro artigo. Muito  
obrigado pela atenção que tem para com o seu  
único leitor. E como tal cá estou a informar  
que recebi e a dizer de m.<sup>a</sup> justiça.

« E achei graça ao facto de esse seu arti-  
go se cruzar com o meu opusculo acerca da  
campanha de 1801 em que procuro reduzir o  
grande mal de chefe militar atribuído ao  
magnifico D. João Carlos de Bragança.

« Ora eu não sei se estou na verdade. O  
que escrevi é o que me parece encaminhar  
se para a verdade. Levanto esse problema que  
não deixa de ter interesse, sem qualquer má  
vontade, evidentemente, p.<sup>a</sup> com o fundador  
da Academia. e a propria defesa do Stockler

nas célebres Cartas <sup>(1)</sup>, repare bem, sóam, um  
jeuico, a rachado; o grande mathematico pare  
ce que se quer defender a si, mais do que ao  
Deus — e isso não deixa de ter certa logica por  
que foi o seu maior e mais responsavel au-  
xiliar.

« O Taveira e o nosso professor Maia <sup>(2)</sup> cin-  
giram-se á parte propriamente historica  
e não entraram no problema das ideias, isto é,  
poreram de lado a paternidade das ~~ideias~~ pla-  
nos para só verem os proprios planos.

« Pequito: não sei se estarei na verdade,  
mas quero crer que me encaminho para lá  
com certas e muitas razões. O meu caro Saty-  
rio Pires pense no problema porque está certo  
que o tentará resolver melhor, pois encontra  
agora esta m.<sup>a</sup> dúvida que é, segundo o nos-  
so bom Infante D. Pedro (avant Descartes) o  
« caso de descobrir a verdade. »

« Pense no caso e a sua intelligencia e  
penetrações dirão o resto. Meu abraço, etc. »

(1) Francisco de Barja Gancão Stockler: Cartas ao  
autor da Historia do Invasão dos Franceses em Por-  
tugal. Rio de Jan. 1813.

(2) Alfredo Pereira Taveira, official do Estado-  
Maior e Fernando da Costa Maia, official de Cavalaria  
q. foi nosso professor na Escola do Exército.



Paz: Maíra:

Julho: 30.

Marreu ontem o Ferreira Lima.

Por noticias particulares sabia-o muito mal e esperava, dum momento para o outro, o desenlace. Mas custou-me.

O Ferreira Lima era um dos raros amigos. Considerava-o muito e tinha por ele a maior estima. Sabia que ele retribuia com igual amizade. Custa, pois, e perder um companheiro assim.

Era um raro homem de caracter. Trabalhava com prolixidade e afincado. Era, dentro de certos ramos historicos, um verdadeiro erudito um desses « individuos intransportaveis » conforme a classificacao de Affonso Peixoto — classificacao, diga-se, intransportavelmente injusta.

Foi sempre um tolerante e compreensivo. Mantene-se monarchico liberal, certamente por tradicoes de familia e educacao, mas mantene-se assim com a maior dignidade, sem abjurar das conviccoes suas sem ser desleal para com qualquer situacao politica. Era catolico practicante; e do mesmo modo correcto mantene o seu sentimento

religioso através de todas as necessitades  
do tempo.

Modesto, muito modesto até, não dava  
a impressão do que era e do q. valia, quer  
nos conhecimentos quer no carácter. E de-  
baixo da sua maneira, na aparência, aca-  
nhada de tratar, possuía vontade firme, de  
certa tenacidade e não ia abaixo sem seus  
meus meus.

Como director do Arquivo Hist.<sup>o</sup> Militar  
fez, quasi ignoradamente, uma bella obra,  
embora sempre rodeado de limitações. Foi  
um director de Arquivo modelo. Terei que  
em Portugal não haveria outro. Não consi-  
derava o Arquivo propried.<sup>o</sup> sua, como mu-  
tos, mas de todos os que quizessem estudar  
e trabalhar. Abandonava qualquer filão se  
aparecesse alguém para o explorar. E isto de-  
ve ser caso unico.

Era, enfim, creatura muito apreciavel,  
digna da amizade das almas bem formadas.  
E algumas amizades e dedicações teve.

Eu devia-lhe atenções, entre ellas a de re-  
correr ao meu juizo ou conselho em certos  
casos da sua vida particular e em especial  
dos seus trabalhos historicos; no Arquivo

prestava-me assistência ampla; confiava em mim como num irmão e distinguia-me como a poucos distinguia.

Quero crer que me não esquecerei deste Devo-the essa obrigação.

Devo ir a Lisboa prestar-lhe a ultima homenagem! O calor, porém, está proibitivo. Além disso, hoje, faz anos a Deus Maria e avanhã a Mãe, que vieram aqui, nestes dias, passar os anniversarios. Misturar com um enterro estas festas familiares seria, de certo, aborrecido.

Mande-i telegrama á Filha. Logo que possa lá ir-ei a casa cumprir o dever.

Os jornais dão a noticia do falecimento sem grande relevo. Qualquer outro coronel teria a mesma ou equivalente informação.

Pobre Amigo!... Não se pode adular a imprensa, e ainda bem. Mais um atestado de caracter.

Paz: Mafra

Agosto: 1.

Os jornais trazem a noticia do enterro de Ferreira Lima em curtas linhas. Ao mes-

nos tempos nem uma longa notícia do falecimento dum major farmacêutico do quadro do Ultramar que foi político e « jornalista » e não menos longa noticiário da morte do general Fernando Breyer, creatura inteligente mas que se evidenciou apenas á custa de certas transpuncias e curvaturas e que não deixou atrás de si nem a lembrança de favores feitos como ajudante-general e a lembrança de más vontades dos adversários políticos.

No Primeiro de Janeiro de ontem, com um dia de atraso, a notícia da morte do Ferreira Lima nem, como aqui fica, ao lado, para lembrança. E tambem para se ver o cuidado do noticiário que até lhe trocou o nome.

### FALECIMENTOS

#### CORONEL FERREIRA LINO

No Hospital Militar principal faleceu o coronel sr. Henrique de Campos Ferreira Lima, director do Arquivo Histórico Militar, historiador do Exército, biógrafo e arqueólogo.

Era membro das Academias das Ciências e Portuguesa da História, e de vários institutos científicos portugueses e estrangeiros.

O funeral efectua-se hoje, ás 10 horas para o cemitério dos Prazeres.

Contrastes.

Adiante.

No correio de hoje chegam-me cartas do general Teixeira Botelho que, como presidente da direcção da Revista Militar me convida para fazer o artigo necrológico relativo ao Fer-

reina Lima que deueira ser publicado no proximo numero. O comite meu rodeado de palavras amaveis, como é proprio do general; e termina por dizer q. acredita que «a piedosa reissão» me «será grata.» Realmente, ser-me-ha grata a reissão e vou aceitar. E direi no artigo o que entender, e á minha vontade. E procurarei fazer a justiça devida.

Paz: Mafra:

Agosto: 2.

Agradei hoje ao general Teixeira Botelho o comite para o arbispo acerca do tom Ferreira Lima e informei-o de que aceitava. E agradei tambem a oferta do 2º volume dos Novos Subsídios para a historia da Ardehania em Portugal, ha pouco aqui recebido.

Este general Teix. Botelho é creatura cheia de atenções, de delicadezas que estão já bastante fora da moda. É haueem de outras gerações que estão a desaparecer e que não deixam successor apreciauel.

Par: Mafrá.  
 Agosto: 9.

Hoje, duas cartas, meus meus meus meus.  
 A primeira é p.<sup>a</sup> o Vitorino Nunes  
 do qual quero provocar uma resposta qual-  
 quer... É' sua dureza como outra qualquer  
 mas não ofende ninguém...

«... Li ha dias no Diario de Noticias  
 o seu artigo acerca do Turismo interior. A lei-  
 tura fez-me lembrar o nosso encontro em San-  
 tius, em Abril, e a promessa de V... em fa-  
 lar da desconhecida Miranda do Corvo em seu  
 livro de uma serie p.<sup>a</sup>, se me não equi-  
 vo, intitularia Itinerario obscuro.

«Mas as recordações tambem são como  
 as cerejas. Além do artigo lido acim seu que-  
 rer e agradavelmente, a lembrança do mês  
 de Agosto de ha 20 anos, época em q. V... an-  
 dava alvoroçado com o centenario do desem-  
 barque miguelista na Vila da Praia e a orga-  
 nização do Memorial.

«Depois de aquella passaram 20 anos —  
 quasi uma vida!

«Tudo isto me fez escrever esta carta como  
 desabafo de rectho.

«Vinte annos! Vinte annos!... Desculpe o tempo que lhe tomo, etc. etc.»

A outra carta é para o coronel Aurelio de Figueiredo Nunes da Silva, velho amigo de ha 39 annos, do tempo em que fui para a Parahyba. Peço-lhe que me dê conselhos como se verá pela copia que segue:

«... A sua carta veio aqui ter inteira-  
mente a este retiro... quasi espirital, cumprim-  
do entre salios. (Se fôr exigente em juris-  
mo linguistico leia calois...).

«Tive o maior prazer, dissei até vaidoso  
prazer, de a receber, pois me dá honras de  
meu mestre; e desculpe não ter mais cedo respos-  
ta porque entre outras causas da demora es-  
teve aqui uns dias a m.<sup>a</sup> unica d'ela; e o meu  
caro Nunes da Silva creio que sabe o que são  
tais contratemplos.

«Diz, com razão, que a sua carta é um  
encruanço e de facto é, não para mim mas  
para o meu amigo. e aqui não me é facil  
dar uma resposta como desejaria; estou, co-  
mo disse, numa quintarola entre salios  
(leia calois se entender), tempo dos meus ver

lectos, dos meus livros, das minhas notas, de modo que só de memoria poderei dar quaesquer indicações; e a mi.ª memoria não é já a de certo tenente que em 1910 fazia sonetos ao tom do Luis Lopes<sup>(1)</sup> e chalaccava com certo rapaz cujo nome me não ocorre e a quem chamávam jiterescamente o farpilhaireiro...

«Do entretanto, o que nestes dias me tem lembrado vai em papel aperezo e se me ocorrer mais alguma coisa mandarei suplem.<sup>to</sup> com a mesma boa vontade.

«Deixe-me agora dizer-lhe que uma historia militar de Portalegre, embara lizeira, não se fará de pé para a mão, mesmo que não vá para além dos começos do sec.<sup>o</sup> XVI, ou seja dos começos de fónos de cidade. Mas, como o tempo já não dá pau para muitas, parece-me que seria melhor, depois dum introito que indique o aparecimento e o desenvolvimento da vila, realçar apenas os períodos de actividade militar que são, salvo erro, o periodo de 1640-1668, o periodo da Guerra da Sucessão, o da campanha de Diffe e o

(1) Luis Lopes de Almeida, corimáricense, então funcionario do Banco de Portugal em Portalegre.



da desgraçada guerra das Paraujas de 1801. Entrar em minucias de recrutamento, organização, fronteiras e governadores, etc. etc. leva-lo-hia para trabalhos de investigação q. não poderia fazer realizar aí e lhe levariam mais tempo do que aquele que falta para a commemoração.

« Na Torre do Tombo e no Arquivo Histórico Militar poderia encontrar filões preciosos; mas era necessario ir lá, instalar-se e trabalhar por suas mãos. Na Torre, não indo pessoalmente, nada se consegue; no Arquivo, a falta do Ferreira Lima torna difficil qualquer consulta que não seja do proprio interessado, além de que o pessoal é m.<sup>to</sup> pouco e creio q. não chega bem para o serviço obrigatório.

« Isto é o que me parece e vai pelo intuito de magister que aliás não sou; apenas talvez um pouco mais habituado do que o meu Am.<sup>o</sup> a estas tarefas explorarias.

« Assim, um protogonista que não vá buscar ao tumulto algum ruído mesopotâmico e se contentar com a época da reconquista e a do nosso primeiro monarca até á elevação a cidade, seria o aperitivo p.<sup>o</sup> se entrar em tempos mais conhecidos e dos quais ha mais elemen-

los informativos. Isto é o que eu faria se fosse encarregado da missão e o que aconselho ao meu prezado Am.º desde que me traz a terreno. O seu bom critério e a sua cultura resolverão o melhor possível; eu só lastimo não poder dar-lhe mais elementos de consulta o que só poderia fazer se estivesse em Coimbra e não aqui entre saloios (leia, saloios se for exigente...).

« Nos codices manuscritos da Bibliotheca da Universidade ha noticias de Portugal, de que não sepa, relativas á Guerra da Sucessão; um dia pensei em fazer-lhe presente de um artigo para o seu jornal mas a minha vida não deu para isso e creio q. difficilmente dará. Enfim, nada de lamurias... »

« Oxalá lhe sirvam as notas juntas; e para qualquer explicação (não direi conselhos!) estão ao seu dispor. Tudo vai de se diripir para esta quintarola situada na região pátria da Escola Pratica e dizer de sua justiça. Aqui estarei até Outubro e ao seu dispor. E mãos á obra! O tempo apara corre mais depressa do que naquêl tempoaventurado »

(1) Escola Pratica de Infantaria, em Mapia.

ano de 1910 em que certo tenente e certo al-  
feres se correspondiam em versos um tubo  
quada paruarialos... Ainda não tinham  
reurgido o superrealismo, o neorealismo,  
o...o... Adeante. Sejâmos cautos. Ado-  
camos «Adieu, meu caro Nunes da S?», etc.»

Paz: Mafra.

Agosto: 15.

O Nemésis respondeu logo á mi? carta de  
9 do corrente que atraz deixei copiada. E depois  
de cumprimentos não sei se pinceros e agra-  
decimentos pela mi? lembrança, pede-me que  
lhe arranije por aqui algures um «carinhoto»  
onde se refugie malgum fim de semana, com  
«uma creada velha.»

Ora nos ultimos tempos, toda a gente que  
o conhece sabe das suas aventuras, com uma  
prima da esposa, com quem viaja e quasi vi-  
ve diariamente. Este «carinhoto» que ele  
me solicita não será antes um ninho para  
o qual leve a amante por 24 ou 48 horas?

Lembrou-se ele de mim para ajudar a  
encontrar a maroteira?

Pode lembrar que não; mas também po-  
de ser que sim.

Por causa das devidas respondi - lhe com a seguinte carta que me parece modesto modelo para quem se quer tirar de velhacádas.

Quiz provocar - lhe uma resposta que valesse e afinal fiquei corrido...

Aqui vai a carta:

«... não respondi logo á sua tão bela carta porque me quiz informar acerca do seu pedido do Post-scriptum; e quer por causa do calor quer por não passar ultimam. muito bem de saúde, não tenho saído daqui há bastante tempo.

« Nestes arredores mais proximos não ha casinhoto nos termos desejados nem nenhos terrenos porque está tudo ocupado; e numa área mais afastada, dizem-me que igualmente não ha. Contudo, informam-me de que na estrada de Pinheiro de Loures a Louisa, já no concelho de Loures, vizinho de Lx.<sup>a</sup>, nos aglomerados novos de Budicas e Guerreiros poderá haver uma ou outra habitação moderna alyavel com a vantagem de ter á porta algumas decenas de carrinhetas de carreira e ficar a escassos quillo metros da capital. Lembro-me de ha tempo há passar e notar escritos nemna ou nentra.

«U... num salto, poderá daí ir verifi-  
car ou informar-se com a secção de Turis-  
mo da Câmara de Loures que julgo atender  
Vais solicitações.

«Já sabia, por indiscrição dos jornais que  
era pago e, muito naturalmente, com o au-  
dar dos tempos, a caminho de avô. Mas que  
quer? é assim mesmo... chegi, onde me  
vê, chego dentro de pouco áquela limite que  
o Estado impõe a todo o funcionario, limite  
além do qual nem o esghecimento oficial e,  
nemitas nem, o extra-oficial.

«Não sentirei diferença porque ha muitos  
anos estou nesse esghecimento; mas nem-  
pre a Ordem do Exército dá a conhecer untri  
et ~~o~~ artri que entro definitivamente na Re-  
forma.

«Pois sr. Dr. creia, etc. etc.»

Uf!... Que ná para o Diabo... O que si-  
fica é tudo forçado e é possível q. o destina-  
tario pense o que está por de baixo das am-  
tilidades. Mas não importa.

O principal é eu não estar disposto para  
ajudar a tratantada.

Paz: Maia.

Setembro: 7.

Segue carta para o Ernesto Soares. Ha cerca de 20 dias que esta gasmaceira não dá azo a uma nota. Fica a carta p.<sup>a</sup> atestar, ao menos, que estarei vivo.

«... Desculpe a demora da resposta á sua boa carta de 21 do mês passado. Não houve esquecimento meu nem as atenções

« A morte do nosso Ferreira Lima fez-me muita impressão. Perdi um bom amigo e perdi todos um companh.<sup>o</sup> primoroso de caracter e um trabalhador de grandes e serias qualidades. Fui ha dias visitar a filha que me pareceu m.<sup>to</sup> caída. E' bem natural. Só o tempo poderá dar remedio.

« Quanto aos meus dois tios gravadores, tenho o maior prazer em lhe fornecer elementos biograficos, mas daqui só irão elementos deficientes. Se a sua conferencia na Cam.<sup>a</sup> Municipal de Lx.<sup>a</sup> não é muito breve, logo que regressar a Coimbra dar-lhe-ei as notas desejadas; mas se o tempo apertar, direi daqui o que a memoria autorizar, com a melhor vontade.

« Conto, por este mês, ter provas do artigo que irá sair na Revista de Guimarães sobre Allino da Silva e seria boa ocasião de lhe mandar notas mais completas sobre a vida e trabalhos dele. E

« E quanto ao outro tio, Rafael Pimenta, se a conferência não é já, talvez fosse preferível conversarmos, um dia, com vapor. Espero ir a Lisboa em Outubro, uns dias, e encontrar-nos-íamos em qualquer ponto.

« Que lhe parece?

« Espero celebrar o 1.º centenario do nascimento deste meu tio Rafael o que não me pede de o meu <sup>meu</sup> Amigo lhe fazer as referencias que tem entender, p.<sup>a</sup> as peças da rei, com m.<sup>to</sup> gosto, os elementos.

« No entretanto desde já direi:

« a) Allino Caetano da Silva Pinto, natural de Miranda do C.<sup>o</sup>, discipulo de João Pedro do. Assinava Silva.

« b) Rafael Idesio M.<sup>o</sup> Pimenta, natural do Barreiro, hoje distrito de Setúbal. Assinava Rafael nas gravuras por sua conta; as da officina Pastor saíam com este nome ou muitas vezes, apenas com a simples aliteração de P.<sup>o</sup>.

«c) Belisario Pinheiro, natural de Coimbra, discípulo do primeiro, auctor, apenas deixasse gravuras em alguns livros e jornais. Não assinou.

«Mas haverá inconveniente em deixar isto para conversa aueua, em Outubro? Espero as suas indicações e creia-me, etc.»

Gravuras, gravadores... Volto, com a melhora, ás minhas antigas predilecções que melhor fora não ter perdido.

A vida tem estas contradicções e muitas e muitas inconspicuidades.

Interpretar tão altos problemas.

Par: Maia.

Setembro: 13

Carta de agradecimento ao Alberto Vieira Baraga, de Guimarães, que me presenteia sempre com os seus trabalhos:

«... Só agora aceso a recepção do ultimo opusculo! Esta monotonia de deserto

parece que deveria espartar; dá-se, porém, o contrario. Não sei porque, chego á noite e tenho de concordar que o dia passou e que o perdi...



« Será a velhice? Influencia do tempo irreputar? o afastamento de qualquer motivo que distraia? a cantilena do vento aqui permanentemente nas gelações que provoca a sonolência?... Sei lá!... Talvez um pouco de tudo isto.

« Contudo, este conjunto de atractivos para a mandrice não evita que lesse com o maior agrado o opusculo com que V... me obsequiou. Mais uma bella prova de trabalho util e que me deu espinhaes, embora já não tenha nem vida nem paciencia para os aproveitar em obra acarinhada ha dezenas de annos.

« Muito e m.<sup>to</sup> obrigado por tantas atencões e mais uma vez, etc. »

Paz: Mafra.  
al de M. Oubulero: 2

Mandei, em tempo, p.<sup>a</sup> a Revista Militar os meus dois opusculos A Campanha de 1801 e As duas Guararapes, como sempre fiz com outros trabalhos.

Ora no ultimo fasciculo, o n.<sup>o</sup> 8-9 de Agosto-Setembro, em que vem o meu artigo acerca do Ferreira Lima (por n.<sup>o</sup> 7. com uma seq.

seu traçalha, escapadas não sei como) vem a nota bibliográfica relativa aos dois opusculos a pag. 540 e 541, assinada por F.P., iniciais do general Alvaro Ferreira Passos.

Qualquer das referencias é amavel, correcta e solida. Acerca das Guararapes parece-me sentir-se a mentalid. do official do Estado-maior que difficilmente concede aos que não tem os cordões dourados capacid. para avaliar assuntos de tactica e estrategia. Pode ser que esteja enganado, mas é mais do que natural que assim seja — pois só o Estado-maior é capaz de compreender e explicar e interpretar tão altos problemas.

Seja como for escrevi hoje ao Ferreira Passos uma pequena carta de cortezia. Ele tem sido sempre amavel; foi ele que me fez a festa da Revista em Maio do anno passado me chamou pensador, meu mais velho amigo; e seguindo-me informo o Pires Monteiro foi ele que solicitou o encargo de escrever a nota bibliográfica.

Merece, pois, um agradecimento — e lá foi uma cartinha curta mas com os ~~os~~ atencões devidas.

Paz: Maíra.

Outubro: 3

Alcaucei hoje, por ordem do Supremo Architecto, os meus setenta e seis...

Alcaucei, pois, oficialmente, o limite de idade que no exercito corresponde á passagem á Reforma.

Sou, de hoje em diante, um coronel reformado como tantos outros que servem, até, de modelo para figuras cómicas de teatro ou de romance.

Ora nesta altura da vida cabe-me perguntar a mim mesmo, metendo a mão na consciência, o que foi a minha vida até aqui? Que valor tiveram estes 70 anos bem passados quer para mim quer para os outros?

Na verdade, meus escritos e os meus opusculos que publiquei poderão servir de motivo para dizer:

— Sim senhor! Fez alguma coisa com jeito!

Eu não, fui um máis estudante, de espirito incerto, sem orientação bem definida, baloiçando-me de quimera para quimera, de fantasia para fantasia, concebendo mal as realidades da vida, talvez por temperamento de

timido sei, possivelmente, de dentro da non  
vade.

E' possível, pois, que de tudo isso resulte  
se a m.º regressão ao exercito que hoje ainda  
não conseguindo catalmente nem se explica  
tem se se considerar o ambiente onde for-  
mei, mais se meus, a m.º mentalidade.

Como diabo rim eu parar ao exercito,  
classe onde sempre me encontrei deslocado  
e inadaptado? E' este um problema que não  
tem facil solução nem vale a pena tentar  
resolver.

Agora, que o caso passou em julgado,  
para que vale entrar em analises dessa or-  
dem se já se não ganhou nada com isso?

O certo é que, no exercito, eu fui crea-  
tura que nunca deu coisa q. se visse e que  
encontrou sempre ao seu redor certa descon-  
fiança e indiferença; e, merid. verdade, já  
do exercito já não ainda porque a profissão  
nunca me deu azo a vãos de qualquer es-  
pecie.

Vãos... vãos...  
E teria eu azas para usar mais algu-  
ma coisa do que andar cá por baixo como  
afinal sempre andei?

É possível que a m.<sup>a</sup> vida fosse outra  
 bem diferente e, de certo, mais útil, se o  
 caminho tomado não fosse o desta maldita  
 e «noiva profissão das armas.»

Que eufemismo este o da «noiva pro-  
 fissão das armas!» Que mentira esta, q.  
 formidável mentira esta, a da «noiva  
 profissão das armas!...»

Mas eufim... eufemismo...

Que lhe hei-de eu fazer? Para que la-  
 mentar? A vida já lá vai, já dei o pouco  
 que tinha a dar. Que posso eu agora, para  
 além dos 70 anos quando, realmente come-  
 ça ou deve começar a decadência?

Que... Paz: Maíra.

Outubro: 16.

O Teixeira Botelho, presidente da direcção  
 da Revista Militar agradeceu-me o artigo que  
 fiz acerca do Ferreira Lima ao qual já sufficient-  
 mente me referi atrás. Os termos do agra-  
 decimento <sup>(1)</sup> obrigaram-me a responder com  
 novas actualidades.

É no que se passa o tempo... Cartão

<sup>(1)</sup> Em carta particular de 12 do corrente.

ria para aqui, contêria para acolá. Tem isto  
ao meu o mérito de provar que ainda há  
gente bem educada.

É a propósito do mesmo artigo, contou-  
me há pouco em Lisboa o Pires Monteiro que  
o general Teixeira Botelho, na ocasião do fale-  
cimento daquele bom amigo que foi o Ferreira  
Lima, mostrara-se apressivo quanto á pes-  
soa a quem deveria ser entregue a incumben-  
cia da comemoração pois alegava que sendo o  
morto um académico seria natural que a obri-  
gação caísse em outro académico e, na Revis-  
ta, o unico, a par, era ele, general.

O critério não deixa de ser curioso.

Não sabe o Pires Monteiro porquê, mas  
o general não queria ou não poderia fazer o  
artigo; e como a conversa se dava entre so-  
cietários da Revista, alguém lembrou o meu  
nome que o general aceitou, diz o Pires Mon-  
teiro, calorosamente. Eu não era académico  
mas merecia a excepção.

Dagui veio o convite que, devo dizer,  
me agradou. Seja qual for a origem do con-  
vite, a verdade é que constituiu prova de tanta  
consideração apesar... de não ser academi-  
co. E por isso aceitei com agrado.

Receti carta do Bispo Monteiro na qual me diz que o impressionou o ardo da sua sinceridade que nele transparece; receti tambem da filha do Ferreira Lima uma outra em q. me agradece profundamente o que escrevi. E ponto final. Não espero mais cumprimentos.

Paz: Matra.

Outubro: 17.

Fui ontem á Feira das Mercês, no concelho de Sintra, em que oigo falar ha tantos annos e da qual não fazia ideia.

Não imaginava que ainda houvesse feiras naquello genero, curiosa na verdade, a lembrar as velhas feiras ruvidas onde se ia quasi só para a dança e canção.

Com effeito, o que mais dava na vista e no olfato, era a tenda ou barraca de couros e lãs, desde a simples tripice com rejolos a fazer de fogareiro para fregar a carne de porco, muitas caracteristicas do certame, até certas installações bem arranjadas, com mēras bem postas e creados de casaco branco e o discreto radio a largar para os espaços um minuetto de Beethoven.

Flavia de tudo. E até a promessa, quando a noite caísse, de a mala reumosa da be-  
la Tapada, se converter discretamente em bo-  
que sagrado da Babilônia.

Arruamentos com auriver, com roupa  
feita, co-

bertares,

cereais,

cerâmi-

ca, calça-

do e até

o auten-

tico ferro-

velho, re-

presentau-

te legítimo da Feira da Ladra. Ueu pol-e-dó  
passava alegremente através da multidão; e  
os componentes, conscientes do seu papel, iam  
cumprando os deveres que a Tradição lhes  
impunha.

Os vendedores de roupas milagrosas  
da S.<sup>a</sup> das Mercês, tentavam impedir seus  
bonequinhos que poderiam ir vender a Fabri-  
ca com o mesmo resultado; e paralelamente  
os traficantes de benditos, pretintos, corri-  
chos, lacintos, toda a quinquiraria própria

Billete de entrada

p.<sup>o</sup> o autónomel.

N.º 0000951

## **Tapada das Mercês**

### **ASSISTÊNCIA**

#### **CARROÇAS, GALERAS E MOTOS**

#### **5\$00**



das romarias que tenho visto desde a Senhora do Faro, em Valença do Minho, até às do Sul. Não obstante havia m.<sup>to</sup> que ver e que observar; e o espectáculo cheio de vida e de câr, era digno de ser visto muitas e muitas vezes mais vezes do que eu ~~conseguia~~ conseguia ver.

A serra de S. Iúlia dava fundo de céu rio maravilhoso, por entre neblina fina que se esparrajava de encontro ao arvoredo da Tapada; e em baixo, nos vales, o casario moderno que alastra sem peso nem medida por todo o termo, polvilhava o negro da terra; e por toda a parte havia um ruído de alegria, ao perto e ao longe, que se comparava excelentemente com o cheiro estimulante da carne de porco a rechinar em dezenas e dezenas de frigideiras.

... Ainda bem... As agruras da vida evoluíam-se com o perfume das cozeduras; e enquanto os carroceis giravam e os foguetes estoiravam no ar com alegria, não se pensava no que vai pelo mundo nem no que vai pelo país.

Benedita seja, pois, a S.<sup>a</sup> das Mercês! ...

Paz: Mafra.

Outubro: 21.

O Salazar deixou outros discursos...  
 Como sempre, longo, difuso, um tanto ou  
 quanto misterioso mas com afirmações que  
 não deixam de ter interesse para mais tarde  
 comentar.

Estes discursos são, evidentemente estu-  
 dados e têm a intenção de dar directrizes aos  
 seus subditos.

Por ex.º: a propósito das próximas elei-  
 ções para deputados, diz o que se segue em  
 recorte do jornal que vale a pena arquivar:

Sabe-se que além das listas da União Nacional se apresentaram nalguns distritos listas de oposição (não se vê meio de dar-lhes outro nome). O Governo aceita todas as consequências que legalmente podem resultar das candidaturas e da vitória dessas oposições que aliás não deseja: — preferiria incluir nas listas da União Nacional, como independentes, se o desejassem e como aliás fez a outros, os nomes daqueles que, constituindo valores construtivos, pudessem servir utilmente o País no seio da representação nacional. O regime só tem vantagem em funcionar de modo que homens, mesmo em discor-

dancia com os fundamentos do sistema ou inibidos por qualquer circunstancia de confessar o seu acordo, tenham também possibilidade de servir a Nação. Mas, sacrificando para o efeito valores integrados na sua ideologia e na sua ética, não será demais exigir subordinação dos interesses particulares ou de grupo ao interesse geral e a total independência do espírito crítico sem subordinação a qualquer disciplina exterior. São exigencias mínimas para que pouco e pouco se não venha a cair na oposição por sistema ou como modo de vida.

Estes períodos valeu dinheiro. O país  
 é realmente um alfolre de acomodaticios  
 sem consciencia nem responsabilidade.

Mais adiante, acerca da questão das pre-  
 ferências dinásticas, depois de dizer que seria  
 justo que as famílias ex-reinautes pudessem

viver em Portugal, em perfeita comunidade  
com os portugueses, vá-se com esta aduer-  
sencia que parece contradizer tudo, mas que  
só traduz (p.º o meu juizo) a maneira tor-  
tuosa e, vá lá! jesuitica, com que em regra  
expõe certos pontos de vista:

Quem fala com esta franqueza pode di-  
zer mais o seguinte: seja qual for a attitu-  
de da próxima Assembleia, liberrima nes-  
te como nos mais assuntos e suposto que  
é a mais larga, eu reputaria inconveni-  
ente para a tranquillidade da familia

portuguesa a residencia permanente no  
Paiz do Senhor Dom Duarte Nuno. O seu  
alto criterio lho indicariam tambem. Não  
vale a pena aduzir razões, porque proce-  
dem menos da intelligencia que da sensi-  
bilidade, e devemos respeitá-las.

Isto parece covite para o sr. D. Duarte  
Nuno fazer as suas.

Mas será?... É capaz de não ser.

Os desígnios do patrão são tão tenelins-  
cos! Vá-se lá o que ele quer!

Paz: Mafra.

Outubro: 22.

Hoje de manhã, pelo telescópio, vi passar  
ao largo a esquadra espanhola que traz o  
bandeirão Franco a Portugal.

Havia ténue neblina, de modo que só  
consegui ver o perfil de tres cruzadores e  
uma indiaua. Os arizos ou contra tropedei-  
ros da escolta não se viam, bem como a nes-  
sa flotilha que, nesta altura da costa já os de-

ria acompanhar — flotilha a que a taracha  
listoeta dos cafés já alcançou de «esquadra  
de espera galego...»

O que haverá por detrás de toda esta festan-  
ça que se vai fazer e que custará rios de di-  
nheiro? Manobra intervencional? Simples me-  
reço de governo cripto-fascistas?

Ver-se-ha um dia.

Paz: Maia.

Dezembro: 23

Deixe, em Lisboa, grande festança com  
a chegada do Caudillo.

Um testemunha ocular disse-me que em to-  
da a gente que corria ás ruas da Baixa, ha-  
via ar alegre, de boa disposição.

É natural. A nossa gente habituou-se  
à feneçanata constante e Lisboa nasceu por  
funçanatas.

Assim, o Caudillo ficaria com a impres-  
são de que a sua presença provocou mais al-  
guma coisa do que a simples curiosidade. É  
em regime como este é tão fácil arranjarem  
o simulacro de uma manifestação!

É o Diário de Notícias, de cócaras e de tro-  
ca aberta comenta com este bocadinho de si

1708  
n.º

no que vale a pena transcrever porque pro-  
de ser que ninguém se lembre de o incluir  
em qualquer antologia:

« Os dois Chefes de Estado, sobre cujas  
figuras convergiam todos os olhares, na  
imobilidade da continência, transcendiam  
da sua condição humana e ganhavam o  
relevo dos imortais, por símbolos de dois  
grandes povos e responsáveis nos seus altos  
destinos. »

Assim, a História tem que contar com  
toda esta multidão de surpresas e de reubi-  
ras e de raspar nesse « relevo dos imortais »  
já nem se descobre alguma coisa que se apre-  
zeite.

Como daria vontade de vir no fundo isto  
não fosse muito triste!

Paz : Matra.

Dezembro : 24.

Vi hoje, com estes meus olhos mortais,  
o Caudillo, o grande salvador das Espa-  
nhas. Vi-o a uns poucos de distancia, em  
carne e osso, no campo de obstáculos do

Deposito de Beuonta, onde se realizou uma festa hifrica por sinal mu.<sup>to</sup> interessante e q. para mim foi novidade.

O Caudillo é homem mais baixo do que alto, aspecto vivo, talvez mesmo marcial embora a paciencia já visivel do ventre lhe tire um pouco de afumo. Vi-o entrar á vontade, sem ares de impaciencia, talvez por que estivesse entre tropas; o andar era desembarçado, um pouco bamboleante, talvez devido ao começo da obesidade; o olhar era vivo, como de homem habituado a todos os peripos.

Os cumprimentos que fazia para um e outro lado eram rapidos, já quasi automaticos. Subiu dequar os degrãos da tribuna; sentou-se no poltrona de modo a deixar ver a proeminencia do ventre, quasi de mulher gravida. Conversava com os ministros, a seu lado, sem deixar de observar curiosamente as tribunas laterais onde se cumprimia a maior parte de generais e tripadeiros que ainda vi em toda a minha vida...

O que pensaria o Caudillo Franco do nosso exercito a avaliar pelas dozeas de

oficiais generais ali reunidos, não sei eu  
 porque, na verdade, ele não me disse; é  
 porque de creer que algum commentario inti-  
 mo fizesse pois é evidente que o General  
 deve estar informado do que por cá se passa  
 e do valor desse Gerilhante e mais do que mu-  
 lheroso quadro de roupas e golas estreladas.

Emfim, notei que ele observou atenta-  
 mente a demonstração típica e no fim, saiu com  
 o mesmo ar de á vontade, vivo, sem prefer-  
 encias castelhanas, cumprimentando para  
 a direita e para a esquerda, mesmo para  
 aqueles que, como eu, se conservaram de  
 chapéu na cabeça.

Notei tambem, e com certa satisfação,  
 que a officialidade que m.º abundantemente  
 concorreu « por ordem superior » na pas-  
 sagem das continencias regulamentares; não  
 vi qualquer sinal de enthusiasmo ou recep-  
 ção: apenas os cumprimentos, a frio.  
 Ainda bem.

El' saída, duas senhoras de idade que es-  
 tavam perto de mim deram palmas quando  
 o bandido lhes passou em frente; mas fo-  
 ram palmas q. ficaram sem efeito, o que  
 ainda foi pior.

Ele não daria por isso, mas houve quem o tivesse para as velhotas e se risse.

Que diabo seriam as duas respeitáveis carcaças — porque, na realidade eram carcaças?

Paz: Mafra.

Outubro: 27.

Recebi hoje um memorandum do Revista Militar em que se avisado de que sou credor á sua tesouraria de 80 escudos pelo arbiço que escrevi á memoria do Ferreira Lima em Agosto passado.

Polme Ferreira Lima!

E' claro que respondi que não aceitava os 80 escudos. Era forte ganhar os 80 escudos á custa dum haueuapau pincera.

Lisboa.

Novembro: 10

Temos eleições no prox. dia 13. Grande dia vai ser p. o Estado Novo!

Recebi aqui uma lista e uma circular patriótica convidando-me a votar. A minha residencia é em Coimbra, mas o parecermente aqui não averiguou e fundou-se



nas informações da Repartição de Finanças. Lá meim ter a lista e a circular por sinal que me erráram o nome, chamáram-me Belchior...

Belchior!... a transformação do meu nome tem que se lhe diga; mas, enfim, sempre contavam com mais um voto. E como, já agora, quero deixar mais uma recordação, guardarei adiante, no final do volume, a circular q. acompanhava a lista."

E pela circular fico classificado de meu nos patriota. Eles lá sabem de classificações.

Paz : Mapa :

Novembro : 15.

De volta à Paz e ao ler os jornais atrasados aqui recibidos, encontrei a noticia da morte do Floro Henriquez.

O desaparecimento do Floro Henriquez leva-me a considerações e lembranças de varia especie. Considerações acerca da vida e da morte; lembranças de outros tempos em que convivi de perto com ele e em que, devo

---

"A pag. 363 e 364.

dizer, recebi alguma influencia da sua cons-  
tante e persistente tendencia didactica.

Lembro-me bem de que uma vez que lhe  
dei para ler o manuscrito com a descricao  
do meu passeio a Castro Laboreiro em 1907,  
ele me disse como comentario:

— Quando escrever, cingia-se ás suas  
ideias e deixe as dos outros. Os nossos uni-  
versitarios é que assim fazem porque não  
têm ideias.

Nunca isto me esqueceu. E quando es-  
crevo e ás vezes cito um ou outro autor, o  
conselho do Floro acode-me á lembrança co-  
mo aviso.

Talvez de feição um pouco estranho que  
nem todos comprehendiam, ressentia-se re-  
queram.ª da educação que suportou no Semi-  
nario onde chegou a concluir o curso. Mas  
era bem intencionado e era honrado quer na  
vida particular quer na politica.

Nesta ultima fase da sua vida, reduzido  
quasi á miséria, manteve-se com integri-  
dade moral muito digna de exemplo.

Morreria de repente, rependo julgo pela  
noticia. Era de saúde forte e não imaginava  
na que assim estivesse tão prox.º do fim.

Mais um que caiu. É o desmoronar  
de um edificio construido ha muito; as pedras  
vão caindo successivamente.

Escrevi á minha unica carta puerca de  
rebuimentos: « Não se perde, dizia eu, uma  
"amizade de ha quasi meio seculo sem abalo  
"reusivel. » Etc.

É na verd.<sup>de</sup> reubi abalo ao ler a noti-  
cia. Meu desmoronam.<sup>to</sup> não se sente com  
indiferença.

Coimbra.

Novembro: 26.

Cheguei, finalmente, a Coimbra e entrei  
de novo em mi.<sup>a</sup> casa. Quatro mezes de au-  
sencia!

Eufim, novamente entre os meus li-  
uros... até ver. Daqui a 3 semanas volta-  
rei a fechar a porta para ir até Lisboa.

Outra reparação.

Esta vida de nomada... é triste se bem  
que pareça alegre. Mas eufim, que lhe hei-  
de eu fazer?

O destino assim o quer. O melhor é pas-  
sar a fatalista e... cansa alegre!

que me trouxe Coimbra.

Novembro: 29

Uma coisa em que acudo a realutar é a vinda da notavel garroteana do Ferreira Lima para a Universidade.

Eu conversei com a filha, d. Maria Lina, em comecços deste mês quando passei por Lisboa, o caso ficou quasi assente.

Ela não quer vender, quer oferecer; e recebi que gostaria que, em troca, lhe fizesse um In Memoriam e publicasse os diálogos do Pai.

É aspiração justa que não sei se a Faculdade de Letras fará — pois o Ferreira Lima era um simples official do exercito desprovido de capelo e barba.

Ara hoje recebi cartas da d. Maria Lina em que me fala, embora um pouco confusamente, em uma Casa-Museu com o nome do Pai; não compreendi bem o que ella quer com isto suas, pelo sim, pelo não, resolvei ir á Bibliotheca da Universidade com o fim de sondar, sobre o assunto, o director que é o dr. Manuel Lopes de Almeida.

Este não estava. Conversei com o 1.º bibliotecario, Cesar de Sousa Raposo que me in-

formou de que a hipótese da vinda da gar-  
netteava Sr. Coimbra já fora tratada em con-  
versa entre o Director da Bibliotheca e o dr. Cos-  
ta Dimpão.

O Regido aconselhou-me, até, a procu-  
rar este ultimo professor pois a garnetteava  
deveria ir para a Faculd. de Letras para onde  
transitaria o nucleo já catalogado pelo Ferreira  
Lima e ha tempo escriptado para a Bibliotheca  
pela Universidade.

Resolvo, pois, abandonar por estes dias o dr.  
Costa Dimpão, pessoa da m.ª pouca simpatia e  
que é conhecido por espirito ferozmente reac-  
cionista.

Vamos a ver.

Coimbra.

Novembro: 30.

Floje de manhã, ainda eu estava em tra-  
jos m.ª caseiros, bateu-me á porta o profes-  
sor Costa Dimpão.

Não tinha relações pessoais com ele; só o  
conhecia de vista. Depois dos cumprimentos  
e desculpas pela hora matinal da visita, en-  
trou afoitamente nos motivos que o trouxeram  
aqui: o Cesar Regado falava-me e ele entendeu

que não se devia demorar muito em tratar do assunto, etc. etc.

Conversámos brevemente; ele expoz-me as suas ideias vantajosas da Faculd. ficar com a garratana e iria hoje mesmo falar ao director da Faculdade e ao Reitor, etc. etc.

E ficámos de escrever, cada um, a D. Maria Lina, pois seria conveniente não demorar muito e aproveitar o desejo e a boa vontade da senhora.

Acerca do In Memoriam, o dr. Costa Pimpão achou que, desde que ha oferta de tudo, a Faculd. não cumpria mais do q. seu dever em promover tal publicação de homenagem e não seria difficil a reunião dos disjuntos tanto mais que nesses disjuntos ha muitas especies garratanas.

Eufim, parece-me que o caminho ficou aberto para a conquista de tão rico espolio. Vamos a ver o q. se consegue.

O Costa Pimpão pareceu-me muito rebarbativo do que julgava. Fala com methodo, pausadamente; dá a impressão de que está na cathedra, expondo doutrina.

E' dos que já nasceu cathedratico...

Coimbra.

Dezembro: 6

Pessoas amigas cedem-me por dias o livro seguinte que por aí anda, de mãos em mãos, às escondidas:

La Politique Allemande (1936-1943)

— Documents secrets du Ministère

des Affaires Étrangères d'Allema-

gne. Traduits du russe par Made-

laine et Michel Cristov. — Espa-

que. — Editions Paul Dupont,

Paris, 1946.

Comprende a serie de documentos reunidos pelo exercito russo na sua entrada em Berlim.

Começa com o texto integral do acordo secreto italo-espanhol de 28 de Novembro de 1936 para acção conjunta contra o comunismo que « neste momento ameaça mais do que nunca a paz e a segurança da Europa. » É um verdadeiro tratado economico-militar, ainda feito durante a luta civil em Espanha; nele a Espanha faz muitas e variadas promessas.

Seguem-se varios documentos que mostram a clara ~~intervencao~~ intervencao da Alemanha e Italia na guerra civil espanhola, da manutencao em Espanha das forcas alemas e italianas consideradas indispensaveis para a conclusao da luta, especialmente aviadores germanicos classificados de muito bons.

Outros documentos tratam de evitar a fiscalizacao internacional sobre a existencia de forcas estrangeiras em Espanha e de voluntarios incorporados nas forcas espanholas; e isto para contentar a Inglaterra que seria conveniente não hostilizar principalmente para não complicarem as relações anglo-italianas.

Preocupações acerca da adesão de grande parte do povo espanhol á revolta contra a Republica são expressas nestes documentos.

Mas entra-se na Grande Guerra e Portugal começa a aparecer na documentação.

Resumirei o que puder e só transcreverei o essencial de toda a papelada secreta trocada entre a Espanha e a Alemanha.

Em 7 de Maio de 1941, um documento secreto, genero relatório, assinado por Kramer, coronel da aeronautica alemã, adido em Madrid, informa o ministro dos Estrangeiros



além disso, de que nos meios militares espanhóis, as relações com Portugal são objecto de continuas conversas ~~em~~ sendo vulgar ouvir-se dizer: « Logo que transporemos a nossa fronteira ocidental sobre o Atlântico... » ou « Logo que as esquadrihas alemãs puderem participar nos combates no Atlântico, partidas de bases portuguesas estão na mão dos espanhóis... » Infirma mais de que se diz abertamente que um país tão pequeno como Portugal não tem direito a existir numa nova Europa e que, tanto de láixo do aspecto geográfico como do etnográfico, Portugal pertence á Espanha.

É certo que, infelizmente ainda, muitos oficiais lembram o auxílio eficaz dado pelo Governo Português durante a guerra civil, mas a maioria encara abertamente a « necessidade » dum intervenção militar num futuro proximo. É essa intervenção seria por finalidade fazer passar para segundo plano todas as questões de ordem interna e unir toda a Espanha; além de colocar o governo da nação na mão dos seus « dirigentes naturais — os generais. » É terminada a occupação, a Espanha unida tornar-se-ia um

estado « realmente totalitário conforme o "sistema europeu de Adolfo Hitler." »

É claro que, para esta guerra contra Portugal que faria « muito fraca resistencia » os espanhóis contavam com o auxílio da Alemanha.

O general Strauda, director da Escola de Guerra foi o encarregado dos estudos preparatórios da invasão, sabendo de antemão que em Portugal não havia qualquer medida preventiva contra uma agressão eventual por parte da Espanha.

O coronel Kramer, porém, comentando tudo isto, supõe que a resistencia portuguesa poderia ser « provavelmente maior do que a que em Espanha se calculava » mas, ao mesmo tempo, não vê impossibilidade na mesma tanto mais que, nessa altura, o melhor das tropas portuguesas estava nos Açores. É certo que seria de esperar auxílio da Inglaterra, particularmente em aviação; e neste caso era de contar com a derrota espanhola se a Alemanha não acudisse.

A questão de Gibraltar « parece ter passado a 2.º plano em razão da tensão de relações com Portugal. »

É certo que em Espanha não se divi-  
 da' dos sentimentos amigáveis para com o  
 Eixo da parte de Salazar e do sub-secretário  
 da Guerra Santos Costa; mas receia-se qual-  
 quer modificação em virtude de intrigas in-  
 glesas. Kramer diz mesmo que « as cam-  
 "das diripientes são poderosas e favoráveis ao  
 "Eixo » e informa ainda de que o coronel  
Sintra (sic) da aviação afirma que « todos os  
 "oficiais superiores aviotipos, que são nu-  
 "merosos, eram conhecidos e poderiam ser  
 "eliminados no momento oportuno » emb-  
 ra se deva contar com trabalho idêntico da  
 parte contrária. <sup>(1)</sup>

Este relatório termina com informações  
 relativas somente à Espanha.

No documento seguinte insiste-se pe-  
 lo arranjo da ponte do caminho de ferro em  
 Haudaia e pela construção, ao lado, duma  
 outra ponte.

Em Junho de 1941 o embaixador ale-  
 mão em Espanha, de nome Stohrer, in-

(1) Em nota diz-se que esta declaração do Sin-  
 tra está publicitada no docum.<sup>to</sup> com lapis azul e a  
 palavra eliminados nem acompanhada por um  
 ponto de admiração, também a lapis.

siste na informação da actividade de Ferrauo Suñer para fazer entrar a Espanha na guerra, a qual entrada, segundo o relatório supra, começaria pela invasão de Portugal. Procurou-se, acrescenta, explorar o incidente de Algeciras mas nos meios militares observa-se prudentemente a falta de preparação do exercito e o mau estado economico da nação. E como Franco, «carácter indeciso» não resolve, tornou-se outra corrente favoravel, por mais facil, á intervenção na guerra apenas contra a Prussia, ao mesmo tempo que Suñer deseja provocar um conflito com a Inglaterra para conseguir a «unidade ideologica da Espanha...»

Nos começos de 1942, a 20 de Janeiro, o mesmo embaixador Stöhrer informa Bibben Topp de que o ministro dos Estrangeiros espanhol lhe dissera que Salazar pedira adiamento de alguns dias para o encontro com Franco, em Sevilla, alegando que necessitava preparar a documentação indispensavel; mas acrescenta que Ferrauo Suñer é de opinião que o pedido de adiamento era só «o desejo de não causar impressão desfavoravel na Inglaterra e na America» e não a

possibilidade de auxiliar a entrevista projetada.

Stohrer expôs então a Suñer « o teor das "instruções recebidas» e este respondeu que desejava chegar « a um acordo perfeitamente "explícito acerca do auxílio a Portugal. Nestas "condições as declarações transmitidas do mi- "nistro do Reich, tornaram para ele a maior "importância. »

O auxílio a Portugal...

Que auxílio seria este?

Continuemos:

O documento seguinte, n.º 30 a pag. 86, é de 19 de Fevereiro de 1942: Telegrama secreto do mesmo Stohrer para Ribbentrop, informando da exposição que o ministro dos Estrangeiros espanhol lhe fez a seguir ao encontro, em Sevilha, de Salazar com o baylho. Esta exposição é de grande interesse e vai o mais completa possível:

O ministro espanhol vinha muito satisfeito pois ficara convencido de que Salazar, ao fim das 48 horas de Sevilha, ficara « pr " "realmente ligado com ele. » E o ministro, para ser agradável ao alemão, entrou em confidencias e contou o seguinte que ficou

exposto, com o método e ardor germanicos,  
da maneira seguinte:

I: Posições de Salazar perante a guerra  
e potências beligerantes:

a) Salazar não tem simpatia profunda  
pela Inglaterra mas considera « como uma ne-  
cessidade<sup>(1)</sup> » com a qual tem de contar » as  
suas relações com ela, dadas as antigas alian-  
ças e a fragueza de Portugal.

b) Salazar mostra « violenta antipatia »  
pelos americanos. A reuerencia com a  
qual eles se comportam com Portugal, em  
particular nos problemas economicos, feriu-  
o profundamente. » Queixou-se da má con-  
dição dos Estados-Unidos que prejudica os inte-  
resses portugueses; e orgulhoso pela melha cul-  
tura portuguesa, Salazar concordava com um  
escritor inglês que disse que os americanos  
passaram com rapidez do estado bárbaro a um  
estado decadente.

c) Salazar mostrou certos receios quanto  
às concepções alemãs de politica geral e pro-  
blemas concretos; e perante a afirmação de  
Hitler de que a vitória do Eixo era a derrota

<sup>(1)</sup> Os sublinhados são do documento.

1721

do bolchevismo, respondeu que não sentia o grande perigo do comunismo porque «a Inglaterra e os Estados-Unidos se oporiam a ele por razões de egoísmo...» Franco Zuñer não concordou e fez-lhe ver que a derrota da Alemanha com o auxílio da Rússia tornava muito tardia a oposição dos anglo-saxões; mas Salazar respondeu que, em consequência, a vitória da Alemanha traria como consequência a germanização da Europa e Portugal, como os países pequenos, perderiam a sua independência.

d) Salazar foi mais longe e mostrou o receio de que um dia a Alemanha atacasse a Espanha e Portugal e ocupasse a Península; e afirmou que os métodos usados pelos alemães para com Portugal mostram falta de compreensão das nossas necessidades o que constitui base para graves conflitos.

e) Salazar procurou discretamente ponderar o peso da pressão exercida pela Alemanha no sentido da entrada da Espanha na guerra. Sempre que este problema aparecia nas conversações, quer Franco quer Zuñer respondiam que as relações entre Alemanha e Espanha mantinham carácter de «franquês e confian

"ca neutra . . . » ~~antes~~. Uma vez, ~~em~~ parem, deram-lhe a entender que a Espanha solicitara da Alemanha a não insistência para a entrada na guerra em razão das graves dificuldades que isso traria. E Suñer afirmou que esta teve elucidação, aliás conforme a verdade, produziu em Salazar « uma impressão "particularmente viva» — e como este tinha a convicção contrária, deixou exteriorizar a sua surpresa « literalmente da maneira seguinte: — Palavra de honra! Não acreditava em tal e considerava isso impossível! » Suñer explica que esta impressão favorável de Salazar viria da afirmação de que a recusa discreta da Espanha em entrar na guerra não afectou as relações entre os dois países.

f) O ministro alemão quiz saber se Salazar acreditava na vitória dos alemães; Suñer respondeu que ele preferia que a guerra terminasse por « um resultado nulo »<sup>(1)</sup> e q. aduzira argumentos favoráveis á vitória provedor dos ingleses, primeiro por motivos de ordem económica, depois pelas revoltas cada vez mais graves nos países ocupados pelos

<sup>(1)</sup> O publichado é do documento.



germânicos e ajuda pelo eixo na própria Alemanha. Quer Franco quer Salazar fizeram - lhe ver, com argumentação varia, que a vitória dos ingleses era impossível; e Salazar, apesar de lhes dizer que as suas informações contrariavam esta convicção do governo espanhol, parece ter saído da conferência convencido de que não deveria contar com a vitória da Inglaterra.

## II: Relações hispano-portuguesas.

a) Franco e Salazar fizeram ver a Salazar que, dada a situação internacional, qualquer agressão da parte dos anglo-saxões contra o território português ou ilhas adjacentes seria considerado pela Espanha « como agressão não dirigida contra o seu próprio território » e declararam saber bem qual a reacção do país perante essa situação. Salazar « não ficou perfeita compreensão » quando ouviu esta franca declaração tão clara e respondeu que estava persuadido de que os ingleses nada tentariam, bem como não acreditava em uma agressão alemã. Confessou, porém, q. os Estados Unidos exercem pressão no sentido da ocupação dos Açores mas quer crer que não será a pressão suficiente.

forte para poderem levar a efeito o solicitado com insistência.

Stohrer, porém, comenta nesta altura q. Salazar mantém certa reserva a respeito deste assunto, não sem afirmar que se defenderia por todos os meios de qualquer agressor, disposto como estava a «defrontar "o pior"» — afirmação que Suñer garantiu como verdadeira. Este ministro espanhol foi mesmo mais terno e cauteloso que Franco prometeu o possível auxílio no caso de agressão inglesa bem como a possível ajuda da Alemanha, esperando, em compensação, que Portugal desse ajuda equivalente se fosse necessário. (É citada instrução telegráfica de 17 de Janeiro que não vejo no volume.)

b) « O perigo que as intrigas inglesas e "comunistas" apresentam para o governo de Salazar, foi discutido com o mesmo espírito de inteira franqueza. » Salazar afirmou q. não vê perigo sério quanto a ameaça dos comunistas e não acredita que os ingleses sejam capazes de o apertar do governo, pois o embaixador Sir Samuel Hoare tho afirmou; contudo ficou combinado estabelecer maior ligação entre as duas polícias não só para

rigiar os desejos comunistas como também os dos inimigos do regime.

c) Quanto as relações com as Américas Latinas, Salazar declarou que seriam apenas de carácter cultural e amigável e não teriam importância de maior; e concordou em participar « na criação de uma nova Europa ».

d) Quanto aos problemas económicos, os dois países peninsulares deveriam entender-se, dadas as dificuldades extremas em que se encontravam.

e) Stöhrer conclue que o ministro Suárez declarou que se o encontro de Sevilha não chegasse « a resultados decisivos » conseguiria dissipar suspeitas e mal entendidos de parte a parte e que não restava dúvida de que se criaria nas relações espanho-portuguesas « um clima "novo" ». Suárez afirmou estar convencido de que Salazar se retirou « profundamente satisfeito ». E acrescentou que classificára Salazar como « homem extremamente simpático, bem educado, culto, reservado, amável, de perfeita dignidade e com

(1) O sublinhado é do original.

"locução muito precisa e exacta. Apesar de  
 "certas expressões bastantes reservadas, dá a  
 "aparência de homem moralmente viril.»

Stöhrer, porém, ~~embora~~ embora acredita  
 na linha geral de descrição da entrevista, pare-  
 ce convencido de que Suñer exasperou a afir-  
 mação de que os seus argumentos conseguiri-  
 ram dissipar as dúvidas do ministro por-  
 tuguês.

Seguem-se documentos relativos à pos-  
 sível restauração monárquica em Espanha  
 que os ingleses vêem «com benevolência.»

Depois, outro docum.<sup>to</sup> acerca da visita de  
 Suñer ao Papa que foi «muito amigável e re-  
 "vestiu-se de carácter de absoluta franqueza...»

Em 9 de Outubro de 1842, um telegrama re-  
 creto de Stöhrer a Biblentróf trata dos «su-  
 "mores relativos ao estabelecimento de contacto  
 "entre os governos de Espanha, Portugal, Ar-  
 "gentina e Chile» para formação de um blo-  
 co; interrogando o ministro dos Estrangeiros  
 Jordana, este respondeu «com a sua habi-  
 "tual prudência» que mal conhecia o assun-  
 to porque entrara em funções há pouco, mas  
 julgava que os dois países americanos e que

tentavam a realização desse «bloco» que poderia ser proveitoso para contrabalançar a influência dos Estados Unidos e reforçar a recta guarda portuguesa no caso de agressão anglo-saxónica. Contudo Jordana solicitou a rondagem a Berlim a tal respeito.

Seguem-se documentos relativos às relações espanho-alemãs p.<sup>o</sup> a hipótese da entrada da Espanha na guerra.

Em Janeiro de 1943, Moltke, então embaixador em Madrid, trata de varios assuntos mas começa a duvidar da vitória do Eixo e da influencia desta duvida no espirito dos dirigentes espanhoes; e em Fevereiro, em nota p.<sup>o</sup> Ribbentrop, como a anterior, exalta a importancia da neutralidade da Península «como ilha de paz no meio da guerra tão raucerosa».

No mesmo Fevereiro de 1943, Moltke afirma a Ribbentrop que Franco tem continuado com actividade no sentido da «preparação do clima para negociações de paz» que levaria o bandido às horas de mediador.<sup>(1)</sup> Destas negociações Portugal era «informado regularmente nos termos

<sup>(1)</sup> Os sublinhados são do documento.

"dos últimos acordos de Lisboa" e « deve-  
 "rá (Portugal) representar papel importan-  
 "te » no agrupamento de neutros que se pro-  
 jectava. Moltke tinha até a impressão de que  
 esta actividade mediadora de Franco constitui-  
 ria um dos factores determinantes da sua  
 politica.

Os documentos seguintes continuavam  
 a tratar das negociações de paz por inter-  
 medio da Espanha junto da Inglaterra. Em  
 um desses documentos (n.º 54, de 7 de Abril  
 de 1843) fala-se dum embaixador alemão  
 Eisenthor que nesta altura andava ocupa-  
 do « durante muitas semanas ainda com  
 "as negociações com Portugal.» Não ha indi-  
 cações a respeito dessas negociações mas  
 diz-se no docum.<sup>to</sup> que elas tem incamoda-  
 do « o extremo nervosismo dos espanhóis »  
 por estes verem que estas ditas negociações  
 tem sido preferidas nos meios diplomaticos  
 alemães ás que andavam pendentes com a  
 Espanha. Para evitar conflitos em descon-  
 fiança a Alemanha resolveu mandar ou-  
 tro embaixador, o dr. Schlotterer « rea-  
 "tar immediatamente » as negociações com  
 Madrid.

No último documento, telegrama se-  
 creto e confidencial de Dickhoff, então  
 embaixador em Madrid, para Ribbentrop,  
 datado de 1 de Maio de 1943, tratam-se de va-  
 rios assuntos que interessavam à Alema-  
 nha e à Espanha tratados na primeira in-  
 tervista do embaixador com Franco que o  
 recebeu « com a pompa castelhana e afri-  
 cana em uso... » e ao correr da conversa  
 asseverou-se em que a Península estava li-  
 vre de qualquer agressão imediata ou ameri-  
 cana; e Franco disse calcular que « neste  
 momento, Portugal não corria nenhum  
 perigo. Somente se receava que o Estados-  
 Unidos desse qualquer ~~uma~~ assalto repen-  
 tino ~~contra~~ aos Açores, contra o qual assal-  
 to, aliás, Portugal se defenderia no medi-  
 da dos seus recursos. »

É assim termina a série dos 55 docu-  
 mentos secretos, encontrados pelos aliados  
 no ministério dos negócios estrangeiros da  
 Alemanha. Não faço comentários mas de  
 leitura salta a preocupação de superioridade  
 dos espanhóis perante nós; quando quero  
 acreditar que o Salazar seria muito supe-

riar em ruínas, reserva e boa visão dos  
sucessos aos seus muito ilustres oposito-  
res. E a razão é simples: os outros são  
simplesmente gerais...

E tendo lido o relatório de Stöhrer, este  
fica bastante p.<sup>a</sup> a verdade.

### Coimbra

Dezembro: 8.

La vai hoje extensa carta ao Aurelio  
Nunes da Silva acerca das comemorações  
centenárias de Portalegre. A carta vai qua-  
si dautoral...

«... Só he pouco cheguei; o tempo  
ruim e uma ligeira gripe não me deixaram  
saír da quintarola. Por isso só agora vou  
responder ao meu caro Am.<sup>o</sup> se bem que, pe-  
las suas informações, vejo que pouco mais  
eu poderei dizer.

«Vamos por partes, segundo as regras da  
velha retórica que em bons tempos do seculo  
passado eu tive que meter na cabeça para po-  
der ficar aprovado vermine discrepante...

«A) Recebi um convite muito amavel  
(certamente superado pelo Nunes da Silva) de



1728

Comissão do Centenario. Já respondi agrade-  
cendo e dando a vossa promessa dum trabalho  
histórico qualquer e da m.<sup>a</sup> presença em Portale  
que na semana festiva.

«B) Quanto ao trabalho histórico prometido  
(que aliás o meu Am.<sup>o</sup> já tinha também polici-  
zado) confiado em que os Mss. da Bibliotheca da  
Universidade me desseem assunto. Fui, como  
S. Tomé, verificar e, na realidade, ha umas es-  
pecies curiosas relativas ao cerco e rendição de  
1704, especies que não servem como documen-  
tos para a historia séria porque são sátiras, la-  
rachas, poesias jocosas, provas perfectas do nos-  
so eterno vicio de chafacear mesmo com as  
desgracas da Patria; mas dauam para um pe-  
queno estudo do ambiente e para considera-  
ções acerca do nosso caracter, etc. etc. Pouho-  
the, pois, o caso com a maior franqueza: pa-  
ra o meu resumo de historia militar não the  
servem, são luppigaryas que não tiram nem  
jáem; e para um estudo especial talvez desse  
coisa de algum interesse e eu teria mu.<sup>to</sup> prazer  
em o fazer á minha moda. Caso o meu ca-  
no Am.<sup>o</sup> concorde assim farei e o director  
da Bibliotheca já se ofereceu para o publicar  
no Boletim correspondente ao ano de 1950.

Que me diz? Peço a sua franqueza sem ne-  
cessidade de qualquer especie.

«C) Quanto ás suas leituras... lendo, oh  
Deuses Inmortaes! O Neves da Silva tem deita  
do abaixo estantes sobre estantes... E a esta ho-  
ra deve ter esgotado o assunto. Eu, compul-  
sando os meus vertebros, vejo que difficilmen-  
te lhe darei novidades, pois as obras citadas  
(algumas das quais jooão) seriam as que eu  
lhe citaria com excepção de uma ou outra. Vai,  
contudo, uma nota apressa com muito poucas  
indicações.

«D) Desculpe não lhe ter mandado ainda  
os n.º do Correio de Coimbra de que me fala na  
sua carta de 25 de Outubro; coisas urgentes  
têm-me tomado o tempo, mas amanhã ou  
depois irei tratar disso com a melhor vontade.  
Depois de quatro meses de ausencia, havia co-  
sas accumuladas que tive de resolver.

«E agora, meu caro Am.º, continue no tra-  
balho pois me parece que tem muitos elemen-  
tos já para o simples resumo que deseja. Es-  
creia-me, etc. etc.

E aqui estou eu feito consultor historico  
e protector de monografias...

Confesso que não desgosto de accusar, em tais assuntos, o que a m.<sup>a</sup> experiencia me diz; e este Neves da Silva que eu conheci em Parabalage, quando em 1910 para lá fui desterrado, é creatura simpatica que merece todas estas atencões e a tua vontade pessoal.

Vamos, pois, andando.

Coimbra.

Dezembro: 11.

Extracto de carta para o Pires Monteiro em que é abordada uma suggestão relativamente a uma especie de historia da literatura militar:

«... Na sua ultima carta, do dia 5, ha uma indicação preciosa: a vontade de um artigo, ou possivelmente livro, acerca dos nossos escritores militares.

« Grande projecto!

« Para artigo, é assunto grande de mais; embora a nossa literatura militar não seja das mais abundantes, a noticia mesmo ligeira q. fosse, das suas características e dos seus cultores, dava para serie de artigos e não caberia num só.

« O nosso amigo Ferreira Lima, ha uns  
anos, quiz-me convencer de que eu deve-  
ria fazer uma Historia da Literatura Militar  
Portuguesa; e eu, sem querer, nas primeiras  
impressões, ia dizendo que sim...

« Creancicos de melho. Mas, caindo em  
meim, vi a magnitude do problema, a falta  
de tempo e... disse-lhe que a fizesse ele!...

« Ora agora, a sua ideia fez-me desper-  
tar essas recordações e leváram-me a que-  
rê-lhe: porque não tenta o Pires Monteiro  
essa tarefa? Desde já lhe digo que é grande  
mas também lhe digo que está ao seu alcan-  
ce. Tem método e capaci-<sup>de</sup> de trabalho e se não  
tem a vida presa com empicthos como eu,  
estará nas condições...

« Quanto ao q. que solicita, com o maior  
prazer darei as notas necessarias; mas como  
tive estes dias m.<sup>to</sup> occupados e para a semana  
me irei a Lisboa passar as ferias, terei as  
notas pessoalmente. Tanto mais que me  
avisa de que não tem pressa.

« Pois pense no assunto e mãos á obra!  
E creia-me, etc. »

Coimbra

Dezembro: 13.

Hoje, com o dr. Gernersindo da Costa Lobo, fui á Universidade falar com o dr. Damião Peres, professor de Letras e muitas coisas mais para lhe pedir que, como director da secção de Numismática da Casa da Moeda, conseguisse do director da mesma, a cunhagem de uma medalha comemorativa do centenario de Antonio Augusto Gouveias.

O homem que hoje, como tantos! está convertido não só a religião católica - apostólica - etc. como também á religião do Estado Novo, recebeu-nos muito amavelmente e, com toda a afabilidade, nos deu a certeza de que faria todos os esforços para a realização do pedido, tanto mais que a Casa da Moeda iniciou já uma serie de medalhas comemorativas de honras notaveis portuguezes.

Pareceu-me que o dr. Damião Peres com preceito levou o que queriamos e aceitou de boa mente a interferencia. A saída o dr. Gernersindo commentou:

— Não ha nada como ser inteligente...

É certo, pensei eu e continuo a pensar; mas, á cautela, é bom esperar pela resposta

do director da Casa da Moeda, e avaliar o va-  
lor e interesse do intermediario.

Não vá eu expandir - me...  
Coimbra.

Dezembro: 16.

O officio dirigido ao director da Casa da  
Moeda conforme pediu o dr. Damiao Peres  
em 13 do corrente, ficou assim redigido:

«<sup>my</sup> Ex<sup>ma</sup> Sr. Director da C. da M. — Os abaixo  
assinados, constituídos em comissão que ce-  
lebrou, desde Dezembro do anno p. p. até Ju-  
nho do corrente, o primeiro centenario do  
nascimento do insigne professor, archeologo,  
e escriptor coimbrense Antonio Augusto  
Gonçalves, desejavam que dessa comemora-  
ção ficasse mais alguma coisa de perdura-  
vel. Com esse desejo, dirigem-se os mes-  
mos a V... solicitando que, na serie de me-  
dallas de honras notaveis portuguezas que  
V... tão intelligente e patrioticamente irri-  
ciou, fosse incluída a do Ant.º Augusto Gon-  
çalves que, pelo seu valor intellectual e moral  
não desmereceria dos outros — candidatura  
sem a qual nos não atreveriamos a solicita.

ção que aqui faremos. — Informuámos V...  
de que o escultor Costa Mota Sobrinho tem  
quasi completa, a nosso pedido, a maquette  
necessaria. — E afirmando a V... o muito  
reconhecimento pela atenção que lhe possa  
merecer este nosso muito justificado desejo,  
assinámos - nos, com toda a consideração  
— A Bem da Nação — etc. »

Seguiam-se as assinaturas de todos os  
da comissão, para não haver supranos...

O illustre director da Casa da Moeda, que  
é um official do exercito qualquer, que eu não  
conheço, será capaz de acudir? O dauidas  
Peres será capaz de patrocinar o pedido com  
eficácia?

Vamos ver, vamos ver.

Coimbra

Dezembro: 17

Outem, num electrico, encontrei o  
dr. Costa Pimpão que pareceu farym que  
me não via. Mas eu dirigi-me a ele e  
peruntei se já tivera resposta da D. Maria  
Lina Ferreira Lima. Vi-lhe fazer um gesto  
vago, com um estoco de sorriso de que não

gostei; e murmurou, olhando para a tua, qualquer coisa que queres dizer ou mysterio ou contrariedade grave...

Eu fiquei-me a olhar; e, naturalmente, na minha expressão haveria tal interrogação e estranheza por a sua attitude que ele levantou-se e convidou-me a sair na julmeira parapeu. Estávamos, nessa altura, na Praça da Republica; e ele contou-me que recebera uma carta do Mario de Sampaio Ribeiro, um pouco agressiva, quasi em nome da filha do Ferreira Lima, declarando que era tudo prematuro a respeito da vinda da garquettearia para Coimbra; dizendo que a D. Maria Lima não vendia suas offereceria a dita garquettearia á instituição que quizesse, etc. etc. e que era de estranhar a deliberação do dr. Costa Pimpão em esse ponto tão reservado...

E' claro que o Costa Pimpão ficou admirado e naturalmente com a impressão de que a minha intervenção no caso não fôra correcta ou fôra, pelo menos, leviana. Daqui, certamente, o gesto e o sorriso que the surpreendi, proprio de um catedrático de capelo e barta que se presa embara o gesto e o sorriso.



so não fossem grande prova de boa educação. Mas adiante.

Eu, então falei-lhe claro e com certa dureza; disse que o Sampaio Ribeiro não tinha que se meter no assunto e que a minha intervenção fora a sério e pelo interesse de qualquer espécie, etc. etc. Expuz novam.<sup>te</sup>, talvez com mais minúcia, as conversas que tive com a D. Maria Lina, das quais se inferia a certeza de que a ganneteana ou recusada ou oferecida, viria para Coimbra.

Depois da minha fala o Costa Pimpão pareceu-me mais humanizado, disse que escrevera logo á D. Maria Lina uma carta em que pedia desculpa de qualquer má ou boado que lhe fizesse passar e outra ao Sampaio Ribeiro a explicar as razões da carta á filha do Ferreira Lima.

Conclusão: despedi-me risivelmente aborrecido com o incidente, especialm.<sup>te</sup> pelo juizo que o catedrático Pimpão poderia ter feito. Logo que cheguei a casa, escrevi uma carta á D. Maria Lina com m.<sup>tas</sup> desculpas pelo incômodo moral que a minha tem inencionada deligencia lhe teria causado e quasi com a declaração de que não mais fa

Caria no assunto nem mais incomodaria fosse quem fosse.

É ponto final.

Quem me manda a mim meter-me em casos destes?

Coimbra

Desemburo: 21.

Ontem, ao telefone, fui chamado pela D. Maria Lina que está em Coimbra, em casa da D. Raquel Ferrudo, onde vou passar uns dias. Depois dos cumprimentos, disse-me que tinha a minha casa — e realmente veio e conversou largamente.

De começo, não lhe falei no caso da garretana; mas ela, percebendo e de certo lendo-a de m.<sup>a</sup> carta, abordou o assunto com a seguinte pergunta:

— Então, sr. F... que conselhos me dá?

Vi, por isso, que não ficava zangada ou melindrada; e conclui por não compreender a atitude do Sampaio Ribeiro.

Então, pois, amavelmente, na conversa e de novo lhe fiz ver que onde a garretana ficaria bem era na Faculd.<sup>e</sup> de Letras de Coimbra, etc.; e depois de talvez lhe fa-

ver não que da nossa parte (minha e do Costa Pimpão) não houve qualquer intenção meus correcta e tudo era resultante da conversa que com ela tivera em Lisboa no mês passado, a D. Maria Lina mostrou-me as cartas do Costa Pimpão para ela e para o Sampaio Ribeiro.

É possível que o Pimpão não fosse sufficientemente diplomata para com a rapariga; mas na segunda carta desculpava-se comigo, como quem queria dizer que fôra eu que o metêra na embrolhada...

O que me pareceu de pouca correccão e de pouca verdade. Mas adeante.

A intervenção do Sampaio Ribeiro é q. ficou por compreender.

Vamos tambem adeante.

Para escurtar razões e como fiquei impressionado com o estado mental, bem visível, da D. Maria Lina, sempre dominada por ideia fixa que não cheguei a perceber, como tambem te em estado de incerteza que me incomodava, convidámo-la para jantar hoje e propuz-lhe uma conversa com o dr. Costa Pimpão para este se explicar e ver como estava a funcionar aquelle pobre crebro.

E assim foi. Aqui, no meu escritório, falou-se claramente no assunto e ela então explicou que o seu desejo seria, numa casa da rua de Saraiwa de Carvalho, em Lisboa, onde o Pai nasceu e, por coincidência, muito perto daquela onde morreu Garrett, instalar a galeria e toda a biblioteca paterna, com os móveis e todas as pertencências das coleções; daria ao conjunto o nome de Casa-Museu Ferreira Lima e ficaria aberta ao publico.

Dava-se o caso de o prédio estar agora devoluto e como era propriedade de uns primos já entablára negociações com eles. Estes, porém, homens mais praticos e por consequencia sem preoccupações de tal especie, iam fazer obras para que o prédio ficasse com duas moradias, cada uma para seu dono, e assim o projecto esbarrou com o utilitarismo dos dois primos.

Orá esta apresentação de novo plano foi mais ou menos um balde de agua... E para mim uma inteira surpresa.

Porém, cautelosa e pacientemente, quer eu quer o Pimpão fizemos-lhe ver ou, pelo menos procurámos fazer-lhe ver que, para

perpetuar o nome do Pai, melhor seria a  
 garretteana ficar em sala da Faculdade de  
 Letras de Coimbra e de muitas gerações pas-  
 sariam e e de os estudos feitos deixariam  
 nota da origem, etc. etc. Eu fui até mais len-  
 ge porque, com certa surpresa do Costa Diniz,  
 procurei mostrar-lhe que a Univ. de  
 Coimbra é a unica universid. portuguesa  
 com prestigio lá fora e a sua Faculd. de Le-  
 tras beneficia desse prestigio — de e de vi-  
 ria maior conhecimento da obra garrettea-  
 na do Pai — o que não deixa de ter certa ra-  
 zão, segundo julgo.

Dixémos mais que a Casa Museu exi-  
 gia uma instituição do Estado a que se ~~se~~  
 apoiasse e não teria e não teria a repercus-  
 são que teria a sala na Faculdade de Coim-  
 bra, etc. etc.

Ela parecia convencida; mas com o  
 olhar vago, ás vezes fixo no chão, com um  
 silencio exquiritos de quem se alheára com-  
 pletamente da conversa, deixou-nos a im-  
 pressão triste de que aquelle cerebro funcio-  
 na mal.

A D. Raquel Ferrudo, em caso de quem  
 ela está, compreendendo isso, conseguiu le-

va-la ao medico neurologista Carneira de Oliveira que, talvez brutalmente, lhe disse necessitar ser internada f.<sup>o</sup> tratamento rigoroso. A palavra internada arrastou-a e fez-lhe p<sup>o</sup>er. Uma trapalhada.

A conversa, pareceu, teve a vantagem de o Costa Pimpão ver, com os seus olhos, que se a atitude da D. Maria Lina vinha do seu estado mental muito deprimido e não de eu ter arranjado um par de botas sem tom nem som. E concluímos depois, já a sós, que se ria melhor não se mexer, por ora, mais no assunto e dar tempo ao tempo.

E como conto ir a Lisboa pelo Natal que aliás está á porta, e ficar umas semanas de Janeiro, verei então como ela está e procurarei concluir alguma coisa.

Enfim... Eu já tinha idade para ter juizo e devia lembrar-me de que a Universidade é sempre a mesma Universidade e de que eu sou um futuro diabo que não deveria meter-se em cavatarias tão altas.

Vamos a ver.

de facto...  
quanto...  
de facto...  
sua...  
nota de...

~ 1950 ~

de facto...  
quanto...  
de facto...  
sua...  
nota de...

Lisboa.

Janeiro: 1.

Cá estamos em novo ano...

Que diabo se lhe ha-de fazer? O tem-

po corre, o mundo rola e o calendario vai  
marcando tudo com a mesma regularidade  
possivel.

Pois e verdade, novo ano!

Deve ser como os outros.

E apesar da agridada aueiridade do  
nosso clima e em especial do de Lisboa, es-  
ta hoje um frio de rachar.

Pois que rache á sua vontade e... vamos  
adeante. Apesar dos retenta já feitos ca es-  
ta para lhe resistir conforme poder.

E seu barofia. As cautelas e os caldos  
de galinha valem de muito...  
ela está, compreendendo isso, conseguem le-

Lisboa.

Janeiro: 3

Hoje, um alfarrabista, por puro acaso, li nas relações ~~entre~~ que o Secretariado da Propaganda e Informação enviava regularmente com títulos de livros e resumos de autores cujas obras se não podem vencer a indicação da Carbilha do Povo do dr. José Falcão. E notei que essa indicação tinha numa serie de livros de propaganda comunista.

O dr. José Falcão comunista!  
 É possível que esta classificação provinha de ele ter escrito um opusculo sobre a Comuna de Paris, em 1872. Com esta gente que governa todas estas explicações são possíveis.

O dr. José Falcão... bolchevista!

Lisboa

Janeiro: 10

Já fui entregar ao dr. Damiano Peres o officio da Comissão do Centenario de Antunes Augusto Gouveias que pede ao director da Casa da Moeda a cunhagem de uma medalha commemorativa.

É conveniente notar aqui, sem realde, que fui entregar o officio ao dr. Damiano Peres



que é professor da Faculd.<sup>de</sup> de Letras de Coimbra, á Casa da Moeda em Lisboa onde parece que passa o seu tempo como director da secção de numismática. Isto é: quem quizer falar ao professor de Coimbra, dr. Damião Peres, tem de o procurar em Lisboa...

Posto isto, vamos adiante.

Recebiu-me bem, numa saleta aquecida, com belas poltronas e tapetes fofos, mas sempre com o mesmo ar afressado de quem vai para o comboio.

O officio já aqui o deixei, atraz, em 13 e 16 de dezembro do ult.<sup>o</sup> ano <sup>(1)</sup> bem como ali não á conversa com o professor. Este, puxando dos olhos, tem atentamente o papel e depois, mais atentamente, começou a desfiar as assinaturas, uma por uma, pedindo explicações acerca do Alvaro de Lemos e João Machado de quem não estava bem certo...

Isto tudo me deu certo aspecto inquiritorial. Esta inquirição acerca dos nomes deu-me no gôto. Quereria ele ver se entre os signatários haveria algum comunista? Ou queria averiguar do conformismo de

<sup>(1)</sup> A pag.<sup>as</sup> 210 e 211 deste vol.<sup>o</sup>

inconfornismo dos ditos, perante a actual situação politica? O cuidado que ele pôz nas assinaturas foi, para mim, uma surpresa desagradavel.

Mas enfim, lá ficou o papel. O dr. Peres, quando concluiu o exame quasi me pôz na rua com a sua habitual puxadela do relógio. É claro q. me levantei logo, despedi-me, desci as escadarias lypas, como de teatro, e na rua meditei sobre a breve entrevista... e pensei que seria melhor não se ter tentado a delipencia. Vamos a ver. Mas pelo momento... o exito parece-me pouco certo.

É pronto.  
Lisboa,  
 Janeiro: 15.

Disse-me hoje o Sr. Monteiro, que a D. Maria Lina Ferreira Lima estava em tratamento numa casa de saúde em Caraxide. Deu-me o endereço. A casa de saúde é para doentes mentais e pertence a qualquer ordem religiosa. Sempre houve quem a conseguisse a tratar-se e oxalá tire os resultados que merece. Infelizmente as impressões que deixei

em dezembro ultimo, quando foi a Coim-  
bra confirmáram-se.

Pobre rapariga!

Coimbra.

Janeiro: 27.  
Ha pouco, em Lisboa, o Pires Monteiro, em  
uma conversa, apresentou-me a vaga aquies-  
cencia a um possível convite para eu exer-  
cer o cargo de Director-Secretario da Revista  
Militar na hipotese de mudar a m.<sup>a</sup> residen-  
cia para Lisboa.

O Pires Monteiro, em sessao de Direcção,  
naturalmente falou no assunto; e eis que  
recebo um officio do presid.<sup>to</sup> da Direcção da  
Revista, o general Teix.<sup>o</sup> Botelho, no qual se  
congratula com a m.<sup>a</sup> resolução de mu-  
dança de residencia p.<sup>a</sup> a capital e a acceptação  
do cargo de Director-Secretario.

Aquilo foi dito e feito.

Lá respondi hoje com um officio muito  
amavel, com agradecimentos, mas dando  
a entender que a m.<sup>a</sup> ida para Lx.<sup>a</sup> estava em  
hipotese, apenas, e que a m.<sup>a</sup> idade não era  
a mais adequada p.<sup>a</sup> os trabalhos inerentes ao  
cargo que exigia mais vigor e actividade.

Enfim, amavelmente, acatuei a presen-  
ça do Sr. Pires Monteiro embora, p.<sup>o</sup> não parecer  
desagradável, não estocasse recusa.

Coimbra.

Fevereiro: 14.

A Casa da Moeda respondeu já ao mes-  
so apêlo de dezembro <sup>(1)</sup> acerca da medalha  
comemorativa do centenario de Antonio de  
gusto Goncalves.

Vaei dirigido para o dr. Gernersindo  
da Costa Lobo, certamente por ser o unico dou-  
tor da commissão; e depois de dizer que rece-  
beu a exposiçao por intermedio do dr. Damiao  
Peres, conclue: «... tenho a honra de infor-  
"mar V... que o assunto vai ser atentamente  
"estudado, a fim de ser resolvido na devida opor-  
"tunidade.»

Na devida oportunidade... Isto é: a resolu-  
ção sera sempre adiada e a medalha não se  
chegará a fazer.

Era de contar com tal desfecho. No entanto,  
tanto, como gente bem educada, mandámos  
hoje um officio de agradecimento e declaraçao

<sup>(1)</sup> Al pag.<sup>o</sup> 211-212.

meos que mandabimharnos a esperanca de ser atendido o pedido. Simples formula, e claro, de boa educaçao.

E pronto.

Hoje fui ao Povim passar a tarde com o Lourenço Chaves Almeida. E' sempre agradauel uma tarde ali passada e por isso meo meo mandei hoje um cartao bem humorado e bem intencionado:

« Meu caro: Uma tarde no Povim e' sempre um motivo de boa disposicao para uns dias. Fossego, palestra amena sem receios de ouvidos indiscretos, recordacoes de outros tempos, assuntos agradaveis de ouvir e de exprôr — tudo se junta para uma boa disposicao, alem das excelentes terradinhas que suas Filhas quereem sempre dar, como já lho benevolente para o meu velho vicio e, já agora, para este vicio de netho. Bem hajam todos!

« Mando-lhe tres recortes de jornais para este correio: o do Nemesis, o do Paul Lino que parece, até certo ponto, provocado por aquelle; e uma noticia acerca de uns cabellos de três

de Castro que lhe não será indiferente ver e guardar.

« Até bréve, em dia alegre e meus filhos. Um abraço, etc. »

Coimbra.  
Fevereiro: 15.

A D. Maria Lina, filha do Ferreira Lima escreveu. Diz-me que realmente esteve em tratamento na casa de saúde do Caruoxide e que veio de lá « bastante melhor ou antes "mas calha para enfrentar a ruína irreparável" "mel perda." »

Sempre o mesmo bardo. Oxalá ela realmente melhore e o caso de garratana tenha a arrumação devida.

O dr. Costa Pimpão continua a ter, quando nos encontramos, um sorriso tão esquisito que já tive vontade de lhe dizer qualquer coisa em tom áspero, ou que eu julgava que eu sou aldrabão.

Estes cavalheiros de capelo e barba julgam-se os únicos entes com cabeça e saledoria; e este ainda é dos de fôrma aubija apesar de ser novo.

Coimbra

Fevereiro: 24.

Carta para o dr. Fernando da Silva Carneira, actualmente director do Instituto do Dr. San Ricardo Jorge e grande figura, segundo parece, em assuntos de Filippine.

«... agradeço sinceramente a carta de V... não só pela atenção como por que causou-me, para mim, uma bela lição e um incentivo.

« Quanto a incentivo devo dizer que já fiz colho a trabalhos novos e muito mais ágilles que demandam investigações; agora, re-sumo a vida em arrumar o que ainda anda disperso na minha papelada. Mas mesmo por isso deixei de apreciar a boa intenção de V... que, ha 20 anos, me daria gozas de mergulhar nos arquivos em busca de novos filões.

« Agora... ligar aos novos!

« As notas que V... leu são benevolam. São apenas espirolas de uma vasta obra abandonada, notas que eu escrevo para me livre das insistencias de dois amigos que temho no jornal e que, ao mesmo tempo, não deixando sinal do que por aqui tenho em ver

betos e varios volumes manuscritos arrecadados.

« Mas quanto á duvida de V... acerca da capela de S.<sup>a</sup> da Piedade, deu-se o caso de a nossa rapida conversação em janeiro ultimo num electrico em Lisboa me levar a fazer umas notas exactamente respeitantes ao tem plosinho giteresco de Talvaas; e quando recebi a carta de V... já as tinha mandado para a tipografia, a primeira das quais saiu no numero de ontem. <sup>(1)</sup>

« Logo que as tres notas sejam publicadas, mandas-las-ei a V...; e embora não digam definitivamente que entre a capelinha e o hospital não havia relação, quero crer que V... verificará a impressão que eu sempre tive, isto é: de que a empresa piedosa de Domingos Pires não tinha relação, oficialmente, (para melhor me explicar) com a obra de assistência hospitalar da vila.

« Consultei o arquivo da Confraria da Piedade e não encontrei qualquer referencia; e em toda a papelada de outras confrarias que manuseei, a mesma coisa.

<sup>(1)</sup> No Diario de Coimbra.



« É possível que eu esteja em erro, mas com os elementos que encontrei creio que não há nada se poderá concluir.

« E desculpe V. ... Tomar-lhe tanto tempo e creio que se não fosse o natural desânimo da idade o assunto ainda me tentaria.

« E creio-me ainda, etc. »

O dr. Fernando Corrêa insiste, na sua carta, em que o hospital da S.<sup>a</sup> da Conceição da vila de Miranda do Corvo deveria ser com reguência da fundação da capela da S.<sup>a</sup> da Piedade de Taboas, pois, segundo diz, « o culto da S.<sup>a</sup> da Piedade ajudava ligado á pratica das obras de misericórdias, por confrarias ou não. » E incita-me a meter-me pelo problema: « e gostaria q. continuasse as suas sempre tão escripturasas investigações. »<sup>(1)</sup>

Eu creio que não, como escrevi na carta que aí ficou copiada: a capela nada tinha com o hospital. Mas pôde ser que eu erre. Outros que estudem o assunto, que eu já dei o que tinha a dar. E, ná lá! que não dei muito pouco.

<sup>(1)</sup> A carta está na collecção.

Coimbra  
 Fevereiro: 26.  
 Carta para o Ernesto Soares. Assunto:  
 a gravura em madeira, felizmente, agora,  
 um pouco rehabilitada entre nós:

«... Foi com m.<sup>to</sup> prazer que recebi as  
 suas notícias e a afirmação de que continua  
 com os estudos a que tão superiormente se  
 dedica. Ainda bem!

« E oxalá a saúde e boa disposição para eles  
 continuem pois são trabalhos a que se não tira  
 na importância e para os quais o meu <sup>meu</sup> ~~de~~  
 Am.<sup>o</sup> meim chamar a atenção, segundo me pare-  
 ce, com éxito.

« Veja, por ex.<sup>o</sup>, a Grande Enciclopedia Das  
Dixões e Brasileira em publicação: os gravado-  
 res ficaram, em geral, no estrangeiro. É certo que  
 lá vemos o Caetano Alberto, o Lallemant, o Ne-  
 to, por ex.<sup>o</sup>; mas não encontro o João Pedroso  
 (!!), o Fleiter, o Penoso e outros.

« A cautela, fui mandando para lá notas  
 acerca de meu tio Rafael Diment e hei-de man-  
 dar, a seu tempo, outras sobre o outro tio Albi-  
 no Caet.<sup>o</sup> da Silva. Enfim... vamos a sua  
 carta, deixemos lamentações.

« Não tenho devidas, de qualquer espécie, em the mandar as notas que pede. Todos os dias estou á espera da reparata da Revista de Guimarães com o arbispo acerca de Alvaro Galt.º de Silva Pinto; reiri novas ~~ocorre~~ ha cerca de 2 menses e tencionava (e tenciono) mandar-the, logo que cheguem, um exemplar exactamente porque contava já com o que me diz da publicação da sua bella conferencia. Lembrões sejam dados á Camara lisboense. »

« Quanto a chapas de madeira de Raphael Pimenta, não tenho. De Silva Pinto estão algumas na Louisa e tres que mandei para o meu arbispo ainda me não foram devolvidas de Guimarães.

« Quer que eu vá á Louisa e escolha uma ou outra? pois para repetir as do meu arbispo não terá tanto interesse.

« Quanto ás minhas... tenho em meu poder apenas duas que não marcadas na relação junta; mas eu fei um amador tão olheuro que francamente não vale a pena que rer notat olhas sem valer.

(1) A Camara subsidia a publicação.

« O meu Amigo, parece, dirá de sua ju-  
 riza. E assim se fará.

« Da velha xilogramura anterior ao rec.º XIX  
 nada sei. E desse Pseudo de que me fala, só sei  
 que trabalhava muito e meus mal, mas desco-  
 nheço-lhe a vida e condições de trabalho.

« E seu mais, creia-lhe, etc. »

Coimbra.

Marco: 5.

Carta para o capitão ou major Arnan-  
 do Pascoa, director da revista Infantaria, carta  
 que não necessita de juízo.

« ... ante-ontem estava eu a escrever

ao director da revista Infantaria quando o ca-  
 rreiro da distribuição da tarde deixou a circu-  
 lar impressa e o meu cartão de cumprim.  
 do meu ex.º camarada.

« Achei curiosa a coincidência e suspendi  
 a carta porque o escripto de V.º obripava a  
 pausa e a certo cuidado na resposta.

« Ora a razão da minha carta de 3 era a re-  
 quinte: desde 1836 que tenho na gaveta umas  
 papinas de impressões colhidas pessoalmente  
 no local dos Atoleiros onde me lembram a

curiosidade e o desejo de ver esse Terreno em G. Nuñez, com tanto vigor, demonstrar as suas raras qualidades de chefe militar.

« Nunca as publiquei por não saber onde e por duvidar do seu merito; e como agora anda acêsa a polémica acerca da estatua e a vossa revista lançou o primeiro alerta, tentarei-me de as oferecer ao Ex.<sup>mo</sup> Camarada da para as paginas da Infantaria no caso de entender que não desmereciam.

« Essa a razão da carta que lhe ia escrever; porou, vejo no cartão a indicação de « revista técnica » e quero crer que não terá nela cabimento um arbiço de simples impressões com veleidades literarias.

« O Ex.<sup>mo</sup> Camarada dirá de sua justiça com a maior franqueza.

« Segundo ao conteúdo da circular, que poderei eu dizer, afastado como ando da polémica como de quasi tudo?

« É certo que tenho uma opinião, mas tão eclectica ella é que não sei se poderá enfileirar ao lado de outras bem definidas e de algumas, possivelmente, dogmaticas. Contudo, para corresponder á sua distincta ama-

bilidade, vou ver se, por estes dias, encontro disposição de espirito para resumir em meia dúzia de linhas o meu modo de encarar o problema.

« Muito e m.<sup>to</sup> olivado pela grossa de consideração com q. ~~me~~ destuyue um velho lançado ao canto e creia que, etc. »

E aqui fico entalado com a olivação de dar uma opinião sobre a estatua do Nuno Álvares Pereira que uns querem a cavallo e outros a pé. Temos nova guerra do alceim e da maupersona.

E' para haver em que entreter o espirito. Não deve ser só com o foot-ball.

Coimbra

Março: 7

O Almeida Pascoa já respondeu e na volta do correio.

Muito amavelmente, aceita a oferta do arbyo sobre os Atoleiros. Lá irá amanhã se depois, revisto com cuidado e passado a limpo.

Para o que der e vier.

Coimbra:  
 Uma historietta alegre... E' para não  
 ser lido escrito em Tom noturno.

No Instituto de Coimbra quando ha confe-  
 rencias, a mesa da presidencia constitue-se  
 sempre com professores universitarios ou  
 pessoas de categoria official; nunca lá se ven-  
 tadas creaturas feia destas zonas elevadas da  
 sociedade coimbrãense.

E' preciso autopo, segundo parece, cor-  
 respondente á prosapia catedratica; e in  
rebus universitatis quod est, est. Pronto,  
 não se fala mais no assunto.

Ora ontem houve sessão para ouvir  
 uma conferencia do professor francês Yves  
 Renouard, da Faculd. de Letras de Bordeaux  
 especialista em historia economica medieval.  
 O presidente e o vice-presid.<sup>te</sup> não puderam  
 comparecer por motivo de doença e encarre-  
 garam o dr. Tercato de Sousa Soares de fazer  
 as honras da casa.

Muito bem, até aqui.

Quando os directores do Instituto vinham  
 com o conferente, dos gabinetes e salas da di-  
 reccão para o salão das conferencias, o dr. Ter-

cato Soares meim falar-me e, voltando-me para o dr. Gumerindo da Costa Lobo e outros que o seguiam, disse esta esariedade que me pareceu ser continuação de conversa lá dentro:

— E porque é que o sr. Coronel não ha de presidir? Então eu é que hei-de presidir sempre?

Eu estorcei logo um gesto amavel de recusa e ia a dizer qualquer coisa que justificasse o gesto, quando o dr. Costa Lobo atalhou com certa pressa:

— De certo, o sr. Coronel não meim preparado...

Estes promeiros de capelo e barta são impropaveis! Antes de eu me excusar, houve logo quem atalhasse para que eu não me fosse á presidencia, eu, um pobre diabo sem o capelo e a barta...

Eu, na verdade, não esperava nem o convite nem a objecção com tendencia eliminatória. Ao convite, diria sempre que não; mas também, se imaginasse que me levantavam a objecção eu teria talvez o desprazê de dizer-lhes: embora com ar de quem se sacrifica:



— De facto, não contava com isso, mas  
 tenho muita honra em ir presidir...

E iria sem medo. Para dizer o que eles di-  
 zem como sempre tenho ouvido, não é ne-  
 cessário queimar as pestanas e ter na calça  
 a torta doutoral. E para a outra vez, re-  
 acutecer o mesmo, digo logo que sim... E  
 subo ao estrado da presidencia com o natu-  
 ral descuramento de qualquer professor uni-  
 versitário...

O Tancato Soares, pareceu, foi aquelle.  
 Talvez notasse a observação do dr. Gurnersin-  
 do e para remediar corridou-me para fa-  
 zer parte da mesma. E comparecei com qua-  
 tro cafêlos no estrado da presidencia.

Já é!...  
 Uma hora para a família.

O presidente Coimbra.

Ateril: 12  
 Hoje a Maria Helena e o Aristonias fo-  
 ram visitar o meu antigo professor Carlos  
 Simões Ventura, da Faculd. de Letras.

Este recebeu-os muito bem, conversou  
 muito e aproveitou o ensejo para dar três  
 meudas descasca ao colega da Faculdade, dr.

Franc.º Rebelo Gonçalves ao qual atribuo as razões por que se afastaram ultimamente da Faculd.º alguns rapazes de merecimento que poderiam ser excelentes professores.

E teve esta frase que me parece que deve ser fixada:

— E não podendo fazer dele um homem de carácter, cortei as relações por completo.

Eu fiquei um pouco admirado com isto. O Simões Ventura é ás vezes algum tanto excessivo nos seus juizos; mas o que teria havido para ele concluir que não conseguiria fazer do Rebelo Gonçalves « um homem de carácter? »

Ainda aqui deixarei um dia o meu juizo acerca do dr. Rebelo Gonçalves e talvez, também, acerca do Simões Ventura quando me sentir com disposição para tal trabalho que tem que se lhe diga... Por agora, fica só registada aquella frase.

E já não é pouco.

Coimbra.

Abril: 25.

O chefe do Estado-maior da 1.ª Região Militar (Porto) em nome do general command.<sup>te</sup>

que actualmente é o Manuel Couto, mandou-me um officio solicitando-me indicações biographicas e iconographicas de tres generais que commandaram noutros tempos a Divisão portueuse. Quereu arranjar um livro de ouro (!) como já foi arranjado em Lisboa e recorreram aos meus verbetes para completarem certas lacunas nas biographicas dos illustres commandantes.

Seem peris da ideia desta solicitação? Fosse quem fosse. O que isso prova é que sou creatura importante em tal provincia de conhecimentos, isto é: em biographicas de generais desconhecidos...

São eles: Henrique da Silva Fauceca de Cerqueira Leite, visconde de Alcolaca (1784-1853); - Francisco José Pereira, barão de Vilar-Turpin, (1783-1848); - e Francisco Xavier Ferreira (1790-1865).

É claro que procurei nos meus verbetes e nos livros tudo quanto poderia encontrar para augmentar o numero de elementos biographicos e lá mandei, hoje, com uma carta para o chefe do Esp.º-Maier, as notas bem relacionadas e explicadas — para lá perceberem sem grandes duvidas.

A carta, já agora, fica aqui arquivada  
por mera curiosidade:

«... Incómodos de saúde fizeram com  
que não respondesse com a brevidade que dese-  
java, ao officio de ha dias. Peço o favor de, com  
os meus cumprimentos, apresentar as minhas  
desculpas ao Sr. General.

« Infelizmente a resposta é fraca. Dos meus  
verbetes e notas quasi nada encontrei a respei-  
to dos tres command.<sup>tes</sup> da Divisão do Porto e, em  
especial, da sua iconografia. Como o papel de  
qualquer deles não foi de grande vulto, o seu  
nome não se encontra frequentemente; e se-  
ria necessaria uma pesquisa minuciosa nas  
obras que tratam da Guerra Peninsular e das  
lutas civis de 1820 a 1851 para se completar a  
biografia — trabalho excessivo que não corres-  
ponderia aos resultados.

« De certo V. Ex.<sup>ta</sup> recorreriam ao Arquivo  
Historico Militar quer para a iconografia quer  
para dados biograficos; fôr de elle não se con-  
seguirá muito mais do que dizem os dicioná-  
rios que é, sensivelmente, o que consta das  
pequenas notas que vinham juntas ao officio.  
O que se acrescento pouco mais é, mas vai

com a melhor vontade e o pesar de ser tão pouco.

«Casualmente encontrei referencia a retrato de outro command.<sup>te</sup> da 3.<sup>a</sup> Divisão; certamente V.<sup>ce</sup> conhece - mo — mas a nota vai em obediencia ao prolegio quod abundat non nocet que os Latinos tinham como principio de salutariedade.

«Renovo os meus cumprim.<sup>tos</sup>, etc.»

E aí está para que eu sirvo... Deado já sei que não faço outra coisa que não seja despachar pedidos deste genero!

Que não para o Diabo!

Coimbra.

Mais: 3

Mais uma carta para o Pires Monteiro. Este amigo (que o é, realmente) obriga-me a um dispendio epistolar bastante grande. Não lhe leve a mal, pelo contrario; tenho-o como amigo certo.

Aí fica a carta:

«... Tinha resolvido, no ultimo do mizinho, responder á sua carta de 11 do mês

passado. Mas, nesse dia, os sinos da Universidade badalaram toda a tarde, anunciando ao burgo e aos arredores que mais uma vez a entrada entrara no redil acadêmico com a imposição litúrgica do capelo e da toca.

« É curioso que, nesses dias em que os sinos parece que deviam repicar de alegria por mais um triunfo da Inteligência e do Pralatho, não se ouve: o badalar é quasi um dolore, é uma plainte toda como se houvesse feste ou fome... Eles lá sabem...

« O tocouze, afinal, transmite talvez o q. ha muito anda na giria acadêmica e no curriculum burgoês: a toca imposta por mão doutoral na cabeça do candidato é um « apagadão... » O que ele apaga é que se não sabe bem; ha divergencias acerca do assunto, divergencias que nunca pensei em averiguar pelo respeito q. tenho pelas coisas sagradas...

« E, que diabo! a verdade é que in rebus universitatis quod est, est. É frusto. Talvez que o regredo ficasse enterrado com o sr. D. João III que eu ontem vi erecto no Patio das escolas, em pedra dura, para aquecer o tempo, em frente á porta da Biblioteca sendo fui Pralathar depois de longa ausencia.

« Adeante. Vamos a coisas praticas e deixêmos o badalar do ticoze e a barla deuto-ral.

« Ora hoje, sim! Hoje está um rico dia que ni de verão e inverno - nro o Borda de Agua que é dia da Santa Cruz, dia glorioso em que Santa Helena com a parte de quem apauha uma cautela premiada, encontrou no Gologota a cruz - supplicio, já escondida entre giestas altas e rufos de alfarraca de colera. E por isso se fez ha pouco, ao pau de martellos que nre assustaram, a inauguração de uma cruz de pedra, num largo dos novos leiros para os lados de belas, com musica, faguetorio e agua-benta do Bispo-Cande...

« Feliz País e feliz povo o nosso!

« Dia triumphal, o de hoje; dia de feriado; o céu azul, uma ligeira brisa para quebrar um pouco o calor prematuro - e agua benta a rodos, para limpar os pecados dos honreus e, pelos vistos, das proprias pedras!...

« Ora bem. Vamos, como disse, a coisas praticas.

« De certo viu o ultimo numero de Infantaria onde continha o impuerito acerca da estatua de Almagueres; e com certeza notou

duas coisas: uma, a polidez quasi geral do valor das opiniões expendidas; outra, mais consoladora, a quasi unidade e firmeza de vistas dos melhos, quer os da nossa geração quer os mais adelantados como o general Pereira Bastos. Ainda bem! Consolai-me algum tanto com isso. A realice não é tão fraca como a reproam...

« É esta já mais adelantada e ainda não disse o que devia dizer logo do começo. »

É regue - se um assunto pela importância, causador, afinal, dum epistola a querer ser espirituosa. Sem querer, desviei o correr da pena para a facecia e pronto, enchi quasi duas folhas de papel.

O que vale é que o Sr. Monteiro gosta muito deste genero epistolar.

Leiria:  
Maio: 7.

Vim a Leiria de proposito para ver a Exposição de Arte Sacra tão aprepada e para ouvir a conferencia do dr. João Bauto.

A exposição, embora com certos defeitos, é um trabalho apreciaavel de esforço e de tra-



vontade; os leirienses são baixistas e, quando quereu, fazem coisas que em muitas outras terras se não conseguem.

A conferencia versou acerca de museus, o bordão preferido pelo João Couto. Metodologia, museologia e varias outras palavras modernas com que agora nos enchem os ouvidos.

Presidiu o Governador Civil, o medico leiriense Afonso Luprete que me convidou para minha, por sinal que ao lado do padre superior dos franciscanos em cujo edificio se realizava a conferencia. Do outro lado ficou o Matos Sequeira que de Lisboa veio tambem assistir.

O bello e novo edificio dizem-me que é destinado a uma universidade catolica dirigida pelos ditos franciscanos.

Será ou não será; mas a ajuda póbe e o Estado ajuda carinhosamente.

Adiante.

O João Couto expoz o seu termo com certo brilho e apresentou as novas ideias sobre museus. Não sei se terá razão; não assumto em q. me não muito; mas o que eu vejo foi a evolução que se operou no espirito

do preferente nesta provincia de conheci-  
mentos artisticos.

Será ele sincero? Ou a evolução não é  
mais do que adaptação ao ambiente?

O João Couto formou a sua mentalidade  
à sombra do velho António Augusto Gonçalves  
ves de quem se confessa discípulo. Por isso  
eu faço aquelas duas perguntas — que ahi-  
nal não innocentes.

Coimbra.  
Letura de Maio: 23.

As Notas que, sobre Miranda do Corvo,  
publico desde Junho do ano passado no Diário  
de Coimbra, tratam de todos os assuntos que a  
fantasia apetece. Assim, duas das ~~notas~~  
Notas referem-se ao chamado Tesouro de  
Chão de Lamas, das quais só uma ainda foi  
publicada no n.º de 19 do corrente, apesar de  
terem sido escritas em começo de Março.

Ara esta primeira nota mereceu o refa-  
ço do velho Padre Avelino Domingues, que  
eu conheci paroco em Lamas, ha uns bons  
45 anos, pouco mais ou menos. Era ele en-  
tão um homem novo, com pouco mais de  
30 anos de idade, saudavel, vivo, bom fala-

der e excelente garto. Proclamada a República abandonou a vida ecclesiastica e como era de Poderes, conc.º de Beuelo, fez-se Tesoureiro da Câmara do seu concelho. Passou depois, creio que p.º fugir a suas vontades do bispado, para Tavira onde exerceu o mesmo cargo muitos annos até que, um dia, em obediencia a ordens superiores, apresentou-se e teve de vir para Coimbra, e ele aí ainda, coitado, já velho e um pouco tropeço devido ao reumatismo, a dizer missas a 20,000 pelas varias igrejas da cidade...

Os colegas não lhe perdoaram o desvio que teve ha quarenta annos; e o bispo Baetho de Silves, salvo erro, ameaçou-o com suspensão de ordens se não viesse á submissão.

Ora foi este P.º Domingues que, quando pôde, foz até á sua casa da Laga de Poderes, que me escreveu a respeito da minha Nota XXVII a que acima me referi. Mandou-me um excerpto da revista Bardaria referente ao Tessiro e informou-me de que se inclina a que o proprietario do mesmo seria o fallecido marquês de Chão de Lamas, José de Paiva Mauro Sárrica Carvalho, o qual teria feito o negocio com o governo espanhol, depois de

inutilmente querer fazê-lo com o governo português.

É possível. É assim para o País um verdadeiro tesouro arqueológico.

Ara a carta do Padre teve a seguinte resposta que foi hoje para o correio:

«... Muito e muito obrigado pela sua cartinha. E os agradecimentos não vão só pela benevolência da informação (que eu não conhecia) mas também pela carteira que me dá da leitura atenta que faz ás modestas e raras notas que modestas notas mirandenses.

«Acerca do Tesouro de Chão de Lamas, tenho larga bibliografia espanhola; não conhecia, porém, esse trabalho publicado na Parotéria que vou já apanhar para a biblioteca da Universidade; e iria já hoje (tanto o caso me interessa) se o dia não fosse consagrado á festa magna dos estudantes o que equivale a dizer que ainda o diabo ás voltas.

«Já entreguei no diário o segundo artigo acerca do Tesouro e estão a ver que ainda dará terceiro.

«Também suspeito que o verdadeiro fosse o velho marçado Sarrea, Carvalho; o q. me

admira é que, dando - me eu bastante com  
 ele, nunca me tivesse falado em tão notável  
 achado arqueológico. Talvez em alguma coisa  
 pudesse fazer p.<sup>o</sup> que as preciosidades não  
 saíssem de Portugal. Paciência.

« Refrito: muito e muito obrigado pela  
 informação e pela atenção, etc. »

É antes de terminar com o episódio, ca-  
 le para uma rectificação: o P.<sup>o</sup> Domingues  
 não era Tesoureiro da Câmara em Penela e em  
 Tavira mas sim contador judicial.

O seu a seu dono.

Coimbra.

Junho: 2

O Alberto Meira, do Porto, a propósito do  
 meu art.<sup>o</sup> na Revista de Guimarães sobre meu  
 tio Allino da Silva, gravador em madeira e  
 do meu interesse por essa espécie de trabalho  
 artístico, diz-me em carta que eu estava in-  
 dicado para fazer a história dos gravadores  
 em Portugal...

Vê-se que o Meira não sabe quem o que  
 diz. Respondi-lhe hoje com a seguinte epis-  
 tola amável:

«... agradeço muito a carta de V... e as boas palavras que me dirige. Devo, porém, advertir que não sou o homem de que os meus graduados em madeira necessitam para que se lhes faça a história e se lhes preste a justiça devida.

« Confesso que gostaria muito de o ser; mas a verdade é que comecei tarde com a tarefa e os anos caminham mais depressa do que nós desejamos. V... há tempo lembrou a minha alegre passagem por Valença do Minho a propósito do Minho Pitagórico; foi isso em 1907 para 1908 e tinha eu então os meus 27 anos. Deixei-me V... a conta com uma simples nota e veja se estou fresco e leve para tarefa tão pesada. Limito-me agora a fazer o que posso já que não faço o que desejava.

« Encontrei, nas minhas colecções, a liberdade que tomo a liberdade de enviar inclusive. Não sei do que se trata. Se V... vier que lhe serve para alguma coisa ou para O Tripeiro, tenho muito gosto em lhe oferecer.

« Encontrei, também, há dias um volume de O Recreativo. Journal Semanario, de Lisboa (Tipografia de Balthazar), de 1838, uma gravura, com vista do Porto, ainda com a ponte

de barcas; não tem assinaturas, e de técnica grosseira e é de desenho tão extraordinário que tanto pôde representar o Porto como outra qualquer terra á beira dum rio. Tem como legenda: Noticia Geografica da Cidade de Porto e, na merid., segue-se por mais tres colunas uma noticia qualquer.

« De certo U. . . conheceu o trabalho; caso contrario poderei mandad tirar aqui uma fotografia para a remeter a U. . . »

« Tornei nota do nome dum gravador (ou desenhista?), Santos; naus a ver se dou com alguma coisa nas minhas buscas. »

« E cubine U. . . etc. »

« Não conheço, pessoalmente, este Meira. »

« Ele é que diz que me conhece desde Valença do Minho e de Viana do Castelo, de ha quarenta e tres annos. Assim será! »

Coinhera:

Junho: 3.

O P.<sup>o</sup> Avelino Domingues, de Podentes, leu a minha segunda Nota sobre o tesouro de Chão de Larnas saida no Diario em 30 do mês findo e volta com nova carta extensa

mas muito curiosa. Da-me notícias de outros achados arqueológicos na sua região e ao mesmo tempo faz considerações acerca deles e liga-os com a Yaponimnia. Curiosa, a carta, que guarda com toda a justiça, mas é igual não me meto a criticar.

De Arqueologia... nada sei. Franquesa, franquezinha como diz o Povo.

Coimbra.

Junho: 28.

No Primeiro de Janeiro de hoje recebi a notícia que aqui fica colada no final do volume (1) e que mostra que já deu algum resultado a campanha levantada contra a estatua equestre de D. Duarte.

A execução do monumento como estava projectado foi suspensa oficialmente e a Direcção dos Monumentos autorizada a alterar o contrato com o escultor.

Este caso da estatua é bem indicativo dos nossos costumes e da nossa mentalidade. Até o Augusto Casimiro deitou folheto sobre o assunto, no qual reúne seus artigos publi-

(1) A pag. 362.



cados com todo o entusiasmo de Paeta e de Infante, recomizando a estatua a pé, como nos Atoleiros!

Ora Almeida e Soares estaria a pé, nos Atoleiros? Bem, a fantasia ainda vale muito e quem não tem que fazer... faz cothures.

Coimbra.

Julho: 16.

Hoje, procissão solene da Rainha Santa, desde a igreja do Carmo, na Sofia, até à de Santa Clara.

Muita e muita gente. Procissão extensíssima; etc. etc.

Vi passar o ~~o~~ cortejo na rua de Visconde da Luz; tinha interesse em ver quem vinha ás ruas do palio e quais as autoridades acompanhantes.

Da vinha o novo bispo-coade, o Sena de Oliveira, imponente, no lugar proprio; e empenhados a vara da frente, do lado esquerdo, pardado com todas as condecorações, o Correia Cardoso, o José Maria Correia Cardoso!

É certo que as outras varas eram levadas por officialidade superior; nunca, na minha vida, o exercito foi chamado, tão em

ruça, para tão altas e inmejavéis funções; pelo menos, não me recordo de ver a tropa assim reunida entre marais...

Mas enfim, hoje as coisas mudaram e acho que estão bem... E o Cardoso é, na guarnição, o oficial mais graduado. Logo... o Cardoso estava indicado para a honraria.

Parece pois que este meu antigo capitão ainda não desistiu de ir a tripadeiro. Há muito que vai assistir á missa dominical se é q. não vai também a outras; há tempos que se confessa com certa assiduidade de modo a ser visto e notado; há certo tempo que, enfim, cumpre todos os actos propiciatórios necessários...

E' bem certa a conhecida frase:  
 — Muito custa a ganhar a vida honestamente!

E a propósito;

Vem hoje nos jornais noticia bibliografica de uma publicação relativa aos livros raros do rei D. Manuel, iniciativa da Fundação da Casa de Bragança. Essa publicação é prefaciada pelo dr. Joaquim de Carvalho, o professor de Letras da Faculd. de Coimbra.

Pela inferencia do Diario de Noticias de Lisboa, por sinal bastante extensa, fiquei com a impressao de que o prefacio é um hino ao talento bibliografico e á intelligencia arguta do rei coleccionador; hino que, sem querer, liguei á vara do palio que o Carreira Cardoso empunhava nas procissões.

Este, ainda tem, ao menos, a desculpa de querer ser tripadeiro; mas o dr. Joaquim de Carvalho, que diabo quer ele ser, além do que já é e que, diga-se com verdade, já não é pouco?

Quero ver se leio o prefacio para fazer ideia e juizo mais seguros.

Quem sabe se o autor da noticia tencen o bico ao juízo para instalar o mestre universitario?

Sei lá!... Tudo é possível.

Oliveira, Paz (Maia).

Setembro: 14.

Ha quasi dois mezes que aqui estou. E, com franqueza, sem ter que dizer a este «tão certo secretario.»

O mundo continua a rodar regularmente como sempre; e lá em baixo, na estrada, na

cional, as excursões recidivas continuam a passar constantemente.

Viva a folia!

Ara hoje, no Despertar de Coimbra recebido de manhã, vinha o seguinte passo que não quero deixar de arquivar para futuras e hipotéticas memórias desta pasmaceira:

### **: Passeios & Excursões :**

#### **Grupo Excursionista «Os Teóricos»**

##### II

Saldos de Mafra, como já dissemos, penalizados de, pelo menos, não vermos a suntuosa Biblioteca d seu Mosteiro, tomámos rumo à **Ericeira**, em cuja estrada se ergue, altaneira, a Quinta da Paz, propriedade do nosso distinto amigo sr. coronel Belizário Pimenta.

Qualquer alegre excursão de comiticeio cujo relato se lembrou de deixar a amabilidade que a

fica. E o que é curioso é que não escapou ao escritor, embora passasse de fúrida, a situação da casa e da propriedade.

Altaneira, meu mais meu meus.

É já agora, quero também arquivar, e fica no final do volume<sup>(1)</sup>, uma notícia tirada do mesmo jornal Despertar, do dia 2 do mês de Agosto e que me ia esquecendo de comentar.

<sup>(1)</sup> A pag. 365.

O caso é simples: morreu, ha uêzes  
 uma freira das Carmelitas do convento de  
 S.ª Teresã, de Coimbra, vulgarmente chama-  
 do, ha muito, das Terezinhas. Os jornais  
 deram a noticia e disseram q. fora enterra-  
 da na cerca do convento.

O Octaviano de Sá (heura lhe seja!) em  
 artigos no despertar tratou do caso de baixo,  
 do aspecto juridico e mostrou que esse en-  
 terramento era abusivo e constituia desres-  
 peito á Lei. Parece que os artigos causaram  
 impressão no publico e as criticas choveram,  
 logo contra todas as facilidades que hoje se dão  
 á Igreja mesmo saltando, como neste caso,  
 por cima do que está legislado.

É claro que o assunto foi resolvido como  
 não podia deixar de ser dentro do actual regim-  
 ne politico: o ministro da Justiça, com sim-  
 ples despacho, legalizou o abuso e autorizou  
 a criação dum cemitério privado.

A questão terminou como devia termi-  
 nar: legalizou-se uma transgressão e fez-  
 se a vontade á Santa-Madre Igreja...

É pronto. Não vale a pena falar mais no  
 assunto.

Paz (Mafra) | Setembro: 20.  
 O Sr. Pires Monteiro quer apresentar ao próximo Congresso para o Progresso das Ciências que se deve reunir em Lisboa, em Outubro que vem, uma tese que é, mais ou menos, a que apresentou ao Congresso de História da Activid. Científica Portuguesa, em 1940, com o título Conhecimentos militares como ciência social.

E, como acontece quasi sempre, pediu-me o meu conselho « sempre salutar e sempre » como dizia em carta de 27 de Agosto último.

Lá lhe respondi, não me lembrava o quê; mas o que lhe disse mereceu nova carta em 3 deste mês na qual me diz que, perante os incitamentos que lhe transmitti, começou logo a redigir o projecto da tese, etc. etc.

E em 12 do corrente recebi nova epistola, acompanhada do resumo da tese que eu trouxe na vespera e dum pedido para eu o ler e fazer as observações « sempre judiciais » e dar-lhe a minha « opinião e as suas juv. impressões... » para que, com elas, estudar cuidadosam. a defesa.

O Pires Mont.<sup>o</sup> faz de mim seu consul-  
tor e orientadôr — seu razão para isso.  
Mas volta e meia... xás! Lá seu pedido  
de conselho.

Enfim, o certo é que hoje lhe mandei a  
seguinte carta, consequência da tese que vai  
apresentar ao Congresso:

«... Ca' estou a responder ás suas car-  
tas e a dar-lhe impressões acerca da sua co-  
municação ao Congresso. Continúo a afir-  
mar-lhe que a sua resolução tem todo o inte-  
resse actual, neste passo da vida da Human-  
dade tão cheio de confusões.

«E antes de entrar propriamente no as-  
sunto, devo fazer-lhe umas observações: refe-  
re-se, a fb. 1, á obra do Sebastião Teles, publi-  
cada em 1887, e diz que antes dessa data o Pro-  
fessor Ermidio Garcia expoz o seu quadro das  
ciencias sociais, isto é, em tempos ante-  
riores a 1887; a fb. 2 diz porém: «Luedia  
"hámente um seu aluno...» etc.

«Ora creio haver aqui uma cronis mo:  
o Mendes Leal formou-se aí por 1894 ou 1895  
altura em que foi meu professor de Historia  
e Geografia e peria nos annos de 1890 a 1895 q.

frequente a Universidade. Quero eu dizer com isto que o imediatamente em puzza a frequencia do Mendes Leal para anos anteriores a 1887 — o que não é verdade.

« Se estivesse em Coimbra, dir-lhe-ia ao certo os anos da frequência, mas posso garantir que foi pelos que indiquei. »

« Eu não sei se esta observação é justa; mas o imediatamente interpretei-o como se a replica do senhor tenente Leal se referisse ao aparecimento da classificação do Professor Garcia a qual foi apresentada anteriormente a 1887 conforme escrevi. »

« Entrando propriamente no assunto, creio que os paragrafos 2 e 3 são sufficientemente claros; a preocupação tecnica abrange as denções; e espiritos inteligentes deixam-se ir atrás das apparencias e não vêem o homem que, como escrevi « continua sendo o unico agente interessado. »

« A rapaziada moderna ri-se destas filosofias; entende que no materialismo industrial está toda a salvação. Nunca tomei nota ~~de~~ circunstancia da que a esse respeito tenho ouvido aos novos, assim como no que se refere aos estudos superiores de Historia



e cultura geral, julgados dispensáveis por essa gente bráva que vê apenas a salvação das instituições militares em haver generais com quarenta anos... Sei eu tornasse essas notas, que rico manancial para aguilatar uma época!

« De facto, "os meios técnicos são instrumentos de acção e não pertencem á ciência militar," como diz com precisa clareza. Não sei se terá contraditores; mas a defesa é tão fácil! Demais, o meu amigo conhece tão bem o assunto que, sem esforço, fará relientar qualquer lexica materialista, insistindo, como insiste no §4.º no verdadeiro sentido da História, considerado uma das bases dos conhecimentos pelo qual, creio eu, se poderá chegar a essa "imaginação técnica," que afinal não será mais do que o poder de adaptações com alguma ponta de intuição, a todas as circumstancias e a todos os meios. <sup>(1)</sup>

« E não será esse sentido da História que ajudará ainda o conhecimento desses

<sup>(1)</sup> Período longo e talvez um pouco confuso. Mas foi assim e assim fica copiado.

factores morais, ponto extraordinariamente delicado que exige acuidade de inteligência não só para os apreender como para os melhorar?

« Por exemplo: em Aljubarrota, em Alcanices, aparte as resoluções objectivas e claras de tática, soube usar das forças morais como mestre; creio que deixei isso escrito na minha comunicação ao Congresso Medieval em 1940.

« Ora eu estou aqui a glossar a minha comunicação, pois não saberia fazer outra coisa; e é-me grato, nesta manhã calma em que vejo desenhado o contorno pitoresco da serra de Sintra sobre um céu muito azul (o que neste verão frio e nevoento não é vulgar), é-me grato, dizia, transmitir impressões acerca da minha tese e não afirmas q. poderia parecer impertinencia magistral. Loupe disso.

« A minha comunicação está perfeitamente equilibrada; e apenas notarei que desejaria ouvir-lo mais detidamente acerca do § 5.º na parte respeitante á criação do Corpo Técnico — assunto que está fóra do meu alcance, ha dez annos afastado de tudo o que

reja exercito e seus progressos. Isso fica para outra occasião; por agora o meu aplauso á iniciativa e farei o possível por ir servi-lo se me fôr dado entrar na sala onde funciona a sessão.

« Retinha me lembro muito bem de como o nosso Christovão Aires ensinava historia militar, e de como se formávam ideias sobre ella que ficariam para toda a vida e não se fizessem estudos posteriores bem orientados que abrissem janelas. Eu devo, malta a verdade, o começo de novas orientações ao celebre Henrique Christó, capitão de Infantaria 23 quando comecei a minha realfadação carreira official; indicou-me livros descurbidos na Escola do Exercito e com mais seu meus. A descuridade que nunca deixava de amemizar a sua conversação, pôz-me ao facto das novas correntes de critica e de filosofia de Historia. Devo-lhe, realmente, esse serviço.

« Depois, fui eu que tratei de mim, sem outra ajuda, embora um pouco aos traqueletões. E apesar de militar com curso da Escola, posso dizer que eu sou auto-didata.

« Pois mãos a isso! Nunca é demais bater o ferro frio. E, como no caso do velho organista de Nova-York, alguém ouvirá a sua voz e a interpretará devidamente. E nos volumes das comunicações, lá ficará a sua p.<sup>a</sup> a estar, á laia do velho do Restelo, o eco do bom senso.

« E pronto pronto.

« Isto tudo veio ao correr da pena, como conversa a que não faltou, não sei por que carga de água, a evocação dessa estranha figura do Placem Christó, homem de talento que não tinha carácter nem lerio.

« E deoculpe o arauzel, etc. »

Paz (Mapia)

Setembro: 22.

Hoje, no Diário de Notícias vem uma carta de Roma acerca da possibilidade de certos cardeais serem Papas, quando o cavalheiro que lá está der a alma ao seu creador.

Entre os « papaveis » figura o nosso illustre Correjeira de quem o jornalista faz o elogio. E o artigo termina com o período que adiante copio, que é uma clara confissão que poderá servir para certos invidiosos

los que não têm olhos para ver como as coisas correm ou têm e não querem ver.

Diz o passo da carta de Roma:

«... Cerejeira gosa, ainda, de notavel "autêntic!" no Vaticano como um dos artifi-  
"ces desse corporativismo católico palazaris-  
"ta que é hoje considerado como a mais  
"fiel aplicação da doutrina da Igreja em sua  
"terça social e económica.»

Fuziu, ao articulista, a boca para a verdade: «um dos artifices desse corporativismo católico palazarista...»

Muito bem! muito bem!

Assim é que se deve falar...

### Lista.

Outubro: 5.

O dia está nervento e triste, como o espirito de quem pensa no que ha quarenta annos aconteceu, entre a esperanza e o enthusiasmo dos seus intencionados.

O tempo associou-se ao anniversario com tremura de certa densidade; o sol não quiz lançar a sua alegria a essas come-

muerações reacccionarias que, propositadamente, de certo, fizeram coincidir com o aniversário do regime. O ultramontano, como espantou-se, aí, de rabo alçado, agarrado á memoria centenaria dum pobre frade almuista que talvez por supão canonizaram. Foi um bôdo ás claras, sem reboço — e ainda falta a primeira pedra para a igreja parochial de S. João de Brito, jesuita.

O Verejira, cardeal legado, recebe honras de Príncipe de Saube; e o chefe de Estado Parbuplês curra-se á sua passagem como subalterno de Rôma.

E o illustre pallimbauco do Augusto de Castro largou no seu Diario de Noticias o arbiço de fundo que é uma maravilha de ductibilidade e de cinismo. Fica guardado no fim do volume <sup>(1)</sup> para se lembrar de quanto vale a intelligencia do homem quando quer mostrar quanto frôde a dolôr...

E ainda o Julio Dantas, outro pallimbauco, vai celebrar na Academia o centenario do pobre frade João

<sup>(1)</sup> Diario de Noticias pag. 365

bidade... Que esforços fará esse ché-ché para explicar a pessoa pobre em honra do ponto que nada tem que ver com a instituição do Duque de Lafões e José Carneiro da Serra?

Como tudo isto vai, bem orientado e de vento em popa?

Que terei eu mais que ver ainda?

Paz (Mafra):

Outubro: 31.

Acaba hoje o mês de Outubro e eu ainda nesta gasmaceira, á espera de me ir para me ir embora.

Quero apenas deixar tipada a este mês outonal que me tem enchido de frio, esta simples pergunta:

— Que diabo de música recorderia o Governo para, quasi de repente, se desfazer em palanques perante republicanos mortos?

A transladação do Teixeira Gomes teve cunho oficial com ministro a presidir; e deixáram falar o Camara Reis á porta do jazigo!

Depois, morreu o António Maria de Silveira que teve honras militares e a quem os

jeuiais situacionistas echeram de leu-  
vares e a quem deram as horas de apre-  
miado caracter!

O Antonio Maria da Silva que eles clas-  
sificavam como simbolo de corrupção poli-  
tica!...

Que diabo de mossa meorderia essa ca-  
malha jesuitica?

Ainda ha poucos mezes morreu o Sá-  
Cardoso, antigo presidente de Governo, presi-  
dente da Camara dos deputados e possuidor  
de qualquer grãe da Torre e Espada; pois o  
seu enterro foi o mais simples possivel e,  
por causa das duridas, vigiado pela poli-  
cia politica.

E como aconteceu a este, assim a su-  
ltos outros republicanos que exerceram al-  
tas funções do Estado.

Não ha durida que houve meorderia de  
mossa. Aqui, neste deserto, não sei o que  
se passa; mas que ha barbaelha... Lá isso ha,  
com toda a certeza.

Não comprehendendo muito bem ~~esta~~ esta  
diferença de tratamento para haueus que  
a actual situação revela e que, com a  
mesma cerimonia, já teve em juri-



são por varias razões com os insultos que  
 meias em casos semelhantes. que se encontram  
 no Leufim... Que se lhe ha-de fazer?

Lista: Indico a esse respeito  
 em Novembro: 9.

Mais um salto á capital do Império...

E neste salto tive a explicação do caso a que  
 atraz me refiro do António Maria da Silva.

Carbonaria - me o seguinte: se é verdade  
 eu meira, não o sei; mas vai como me  
 carbonaria: o

O seu genro do Anti.º Maria da Silva é cre-  
 atura reaccionaria, antigo seminaria e  
 mais coisas consequentes; e como o sogro,  
 a seguir a um ataque cerebral esteve algum  
 tempo sem dar acôrdo de si, conseguiu me-  
 ter em casa um padre que procedeu a todas  
 as terriveis cerimoniaes proficiatorias pa-  
 ra uma boa morte.

Os velhos amigos e correligionarios  
 do antigo chefe da Carbonaria, quando cor-  
 reram a casa para acompanhar a familia,  
 viram que as mãos do morto, nas posi-  
 ções de juíce estavam envoltas num ro-  
 pado e notaram que a cabeceira estava ar-

ruado, com todas as regras, um altar completo...

Foi assim, que em troca desta convenção miraculosa, o Governo deu ordem para que se fizessem honras militares no funeral e para os juzeiros da situação exaltarem a integridade de caracter do morto...

Com o Duarte Leite, como quiz morrer invernante, o caso foi muito diferente. Da casa de saúde onde morreu, exigiram a rapida saída do corpo porque havia nella qualquer dependencia religiosa; e negaram a entrada no cemiterio onde a familia queria deposita-lo porque o cemiterio está debaixo da alçada de qualquer ordem da fradesia.

Assim, com frequencia intervato, se viu a differença que ha entre o que morre com as suas opirmações porque conserva as faculdades lucidas até ao fim, e o que morre catolico de verdade ou o que a familia (como no caso do Ant. Maria da Silva) deixa que perrateira e aliviosamente se dê semate fupido a uma vida de verdadeiros anti-clerical.

Leufim... Adeante.

Paz (Mafra)

Novembro: 16

O director do Arquivo Hist. Militar, coronel Alberto Faria de Moraes, mandou-me uma nota, recamante oficial, solicitando a minha usual colaboração no Boletim quinzenal. Respondi-lhe com a seguinte carta que, ao mesmo tempo, é uma correcção ou uma lição de boas maneiras:

«... Recebi a sua nota n.º 342 de 6 do corrente que aqui encontrei depois de uns dias de ausencia em Lisboa.

«Lamento não poder satisfazer o que solicita porque não preparei original para o Boletim. Devo falar-lhe com a maior lealdade e franqueza: como o Boletim mudou de director, esperei que o novo dissesse se queria ou não que eu continuasse a colaborar — e daí o abandono das pesquisas p.º o Catálogo e Sumário que desde 1934, com ligeiras interrupções, tenho mantido.

«Não posso, pois, qualquer parcela de original para mandar; se em Coimbra não era fácil conseguir, de pé para a mão, como pede, trabalho de responsabilidade

como é o Catalão e Sumario, aqui, então,  
muito menos poderia arraijá-lo, como  
muito bem confreende.

« Queira acreditar que me susperevo,  
etc. etc. »

Como official de Cavalaria, é possível  
que não atypisse bem a sede ou queria che-  
gar... Mas lá vai assim e ele que se zover  
me como entender.

Coimbra.

Dezembro: 2.

O Faria de Morais, o director do Arqui-  
vo Historico Militar, a quem escrevi a carta  
que ficou atras, em 16 do mês findo, ~~em~~  
caiu em si e veio ás boas.

Escreveu-me, muito amavelmente,  
e com todas as explicações.

Vê-se que não é tão cavaleiro como  
eu supunha e que tem apreendido alguma  
coisa... E que recebeu a m.<sup>a</sup> carta.

E antes assim — para honrar a fami-  
lia militar que segundo os jaueginistas é  
o escol das sociedades.

Assim seja.

Lisboa

Dezembro: 23

De novo em Lisboa, com trovoadas e temporais de granizo.

E assim como o tempo, também a política internacional ainda cheia de tempestades bem abarrecidas.

E a propósito...

Contou-me o Cristiano de Sousa Lima que, para substituir o grande e volumoso António Ferro na chefia do Secretariado Nacional de Informação, vai ser nomeado um antigo professor liceal José Manuel da Costa (salvo erro) que há muito é o chefe do Gabinete de seu secretário do Salazar.

Ora este Costa quer um secretário de confiança e encarregou de descobrir a pessoa idonea o Arnaldo Larcher, chefe da censura, o qual foi ter com o Cristiano e o conseguiu para o cargo com certa insistência.

Perante a admiração deste pelo convite tão inesperado, o Larcher explicou que o José M.<sup>o</sup> da Costa queria creatura « estruturalmente honrada » e isso era « muito difícil de encontrar actualmente... » E ainda para provar o assênto acrescentou que o pro-

soal do Secretariado, com funções de inspecção, era quasi todo constituído por gente sem escrúpulos, gente que se deixava comprar para não participar certos factos contrarios ás regras estabelecidas. Etc. etc.

Vê-se, pois, que o Secretariado necessitava de pessoal « estruturalmente honrado... »

Santa Gente, esta que nos governa, que depois de vinte e cinco annos de trabalho intenso de moralização e de imposição da doutrina cristã, tem de andar, como Diogenes, de cauda na mão, á procura de um homem que seja « estruturalmente honrado! »

E depois, como ontem ouvi em palestra da Comissara Nacional, affirmam que é necessario educar o Povo porque é nas alfarrabas que se geram e aperfeiçoam os livres-pensadores...

Santa gente!...

Lisboa:

Dezanove: 25.

Natus est Jesus!... Assim se afirma a par toda a parte. E eu quero crer que assim seja, pois que toda a gente o diz. E eu não gosto de contrariar.

Foi há 1950 anos, si uera est fama, que a criança nasceu e veio ao mundo para trazer a Verdade aos homens, seguindo corre por toda a parte; e até o cardeal Cerejeira o fez saber em alocução radio-fundida que ha pouco teve o imenso prazer de ouvir. Assim será. Não digo que não. Refrão: não gosto de contrariar.

Parece, não parece porque é que ha tantos anos se proclamam a Verdade e a Menina e cada vez maior. Não parece porque andam para aí a preparar que é necessaria a cristianização como unica salvação possível e, afinal, o que vemos na sociedade é tudo quanto é mais contrario aos tais principios dos Evangelhos.

Para que estar aqui a gastar tinta se as intenções deste gente que governa são bem diferentes do que as palavras que se dizem dizem. É dizer?

Etc. etc.

Não vale a pena continuar no assunto para não irritar mais o fgado que não anda muito católico...

Pois é verdade: natus est Jesus!

LisboaDezembro: 31.

Assim acaba mais um ano. Hoje, deambuliei pelas ruas de Lisboa, pacatamente, ao acaso; e varios commentarios me vieram ao pensamento e, verdade, verdade, se desfizeram como fumo.

Muita gente pelas ruas. Muito movimento de automoveis, de electricos e de autocarros. Nas fisionomias não se vislumbra qualquer symptoma de amargura derivada das horas tristes que o mundo está atravessando.

Parece-me que toda a gente andava contente — se é que não andava feliz ...

Na realidade, a nossa vida, a vida dos portugueses, repousa em boas ruas; e o mundo pôde girar á vontade sobre os seus eixos que não haverá novidade de qualquer especie.

Ainda bem!

Feliz povo! ...

...



Foi ha 1950 anos, m nos dit familia, que  
a creancia de nascer: serviu a abando pao  
foi de a sociedade civil e pdaa, ajeitado aq  
quantos... a... a... a... a... a... a... a... a... a... a...  
1951  
a... a... a... a... a... a... a... a... a... a... a...

Lisboa:  
Janeiro : 3. Encontro de Alvaro  
Hoje, casualmente, encontrei na Re-  
vista Militar onde fui, como costume, por  
per 4.ª feira, conversar com o Pires Montei-  
ro e outros netos amigos e não amigos,  
encontrei (dizia) o Alvaro Pope.  
Lembrecido, alquebrado, raiva de ca-  
ra para ir ao medico e, de passagem, fize-  
dar um abraço ao Pires Monteiro.

Já nos não viamos ha vinte e tal anos.  
Abraçá-mos-nos e... commemorá-mos-nos.  
Ele está um neto, ru.º caído, um irru-  
til. Ainda mostra, ás vezes, no olhar, uns  
restos da antiga vivacidade; mas vivacida-  
de que se esapa logo com tristeza.

Pobre Alvaro Pope!

E assim passaram uns 23 anos.

Lisboa:

Janeiro: 12

E' quasi aflictivo notar o crescimento e desenvolvimento da Reacção, quer a politica quer a religiosa.

Quanto a esta ultima, é tão patente que não vale a pena procurar justificar as minhas apreensões; quanto á politica, se me aqui deixarei notado um caso que me deu na vista se tem que me não admirou.

Fez-se uma sessão solene na Sociedade de Geografia commemorativa do 26.º anniversario da morte de Antonio Sardinha.

A que propósito o 26.º anniversario? Por ser duas vezes 13 ou, mais popularmente, duas dúzias de frades?

O certo é que se fez a sessão, na qual se elevou, como aliás era natural, a grande altura, o nome do Ant.º Sardinha — proclamado, com cerimonia, o maior poeta do seu tempo.

No dia immediato, na chamada Assembleia Nacional, dois deputados, um dos quaes o Manuel Lopes de Almeida, da Faculdade de Letras de Coimbra, referiram-se á sessão de homenagem em termos alguns

tanto hiperbólicos mas, enfim, dentro de certos limites.

Após seguir levantou-se outro deputado, um certo Ricardo Durão que creio ser oficial de Artilharia e propoz que a Assembleia se congratulasse também com a celebração do centenário de Guerra Junqueiro, e não ficando do far aqui, fez-se louvar ao Poeta, quasi hi no laudatório, com palavras calorosas e de certo entusiasmo.

Ora a isto, com arrojancia espectacular, o João Amaral, um dos camelots da Sardinha, levantou-se e protestou.

Protestou contra quê?...

Protestou contra os louvores a Guerra Junqueiro na mesma pessoa em que se incensava o António Sardinha, pois desde que se tratasse deste, nenhum outro louvor se deveria dar — fosse a quem fosse. E para cúmulo, propoz que o discurso do Ricardo Durão fosse considerado como não proferido...

Que tal?

O presidente da Assembleia lá compôs como pode o caso involuto e entrou-se na ordem do dia sem mais incidentes —

jaís estar convencido de que a chamada Assembleia Nacional ficaria perplexa sem saber como deveria resolver a embrolhada.

Na verdade, já o burro de Bueridau se viu atrapalhado entre as duas rações...

É a propósito...

Ha dias, houve quem me afirmasse que o Augusto Casimiro se acomodara, já ha algum tempo, com a actual situação politica; e que até, perante qualquer pretensão, escrevera uma carta ao Salazar com louvores proficiatarios, na qual chegara a afirmar que tinha nele toda a confiança.

Assim será.

Tudo pode ser. Mas, a per verdadeira a historia, é mais uma meschadada...

A pessoa que isto me afirmou, chamou a minha atenção para o facto de o Augusto Casimiro, na carta para o Salazar, afirmar, como de cirno para baixo, orgulhosamente: «tenho confiança em Vossê!...»

Ora isto condiz, realmente, com a indole do Poeta-Soldado. O orgulho, a vaidade, a preocupação de altivez, andam muitas

veras misturados com certa candura bem  
intencionada. E antes seja assim.  
... a per verdadeira a afirmação, aliás fei-  
ta a serio e por creatura que não é para  
mentiras nem tem interesse em denegrir  
os outros — a per verdadeira, dizê, é um  
jauco triste e desanimadora.

Que motivos levariam o Poeta a este es-  
traanho procedimento?

Quantos problemas esta tremenda que-  
dra nos apresenta!

Lições?

Janeiro: 18.

Ha dias, fui a Campo de Ourique e  
quize ver de novo a estatua da Maria de Fon-  
te, do Costa Mota, tio, levantada num dos  
canteiros do jardim do bairro.

Cheguei, olhei, procurei e... a estatua  
já lá não está!

Tiraram-na, como tiraram do jardim  
da Estrela os bustos de Teófilo Braga e de  
Antero do Quental. A mulher do Minho,  
de bandeira em punho, com gritos revolu-  
cionarios, não era agradável para os olhos  
juditeundos e ardidos desta gente q. nos

governa. Pronto!... fôra com a estatua!  
 não há ela entusiasmas nas as gentes pacatas  
 do bairro.

Até as estatuas metem medo.

Lista.

Janeiro: 21.

Hoje, domingo, dia esplendido de In-  
 verno. Leve neblina por sobre o Tejo, dáva  
 á luz do Sol certa opacidade, muito tísica  
 embora, que fazia salientar os contornos das  
 colinas da margem sul e then dava pers-  
 pectiva agradável que maravilhosamente não  
 vejo quando há neblidez de atmosfera.

Tarde bela, na verdade, convidativa a  
 passeio e a meditação.

Toda a gente, mas mais, parecia feliz.  
 Grupos de famílias, muita creança, tudo  
 com ar alegre, como de quem, ao fim da  
 semana, renova o ar dos pulmões e se  
 distraia ou procura distrair um pouco  
 da negrada vida de trabalho.

Não resisti... E chegado ao Baio do  
 Sodré, mehi-me no vapor de travessia pa-  
 ra Bacilhas, no meio da turba popular q.  
 recolhia ás suas casas, satisfeita com o pas-

reio, brincando com a creancada, com os  
velhos — sempre com o mesmo ar paudo  
nel da alegria.

E eu olhava tudo: a paisagem e a mul-  
tidão; quer uma quer outra me interessa-  
va porque, afinal, a alegria de todos contrasta  
tanto com a minha tristeza e a paisagem  
maritima, envolta em neblina, um pouco  
indecisa, casava-se bem com a mesma  
tristeza que me absorvia.

Porque a verdade é que me sinto acas-  
tanhado: a vida, cada vez me abarrece  
mais, cada vez compreendo menos essa  
muito afegada alegria de viver. É pos-  
sível que essa alegria caiba a um ou a ou-  
tro; mas isso deverá acontecer como nas  
loterias.

Lisboa: Janeiro: 22.

Fui ha dias á Biblioteca Nacional com-  
prar uns numeros dos Anais que ainda  
não tinha.

Como o emprego levasse ao Inspec-  
tor das Bibliotecas e Arquivos, actualmente,  
na interinidade, o Antonio Ferrão, o recibo

para ser assinado e selado, este me pediu  
pedir-me para entrar no meu gabinete.

Recebeu-me muito bem, dizendo q.  
sempre que ali fosse por qualquer motivo,  
o meu lugar seria naquele gabinete e não  
na secretaria; e ao agradecer este ofereci-  
mento, respondeu-me que ele era apenas  
a prova de consideração que tinha pelos meus  
meritos...

É claro que estas frases são frases feitas  
certamente para todos os mortais; no en-  
tretanto notei que raras vezes me acontece  
um caso destes, isto é, receber atenções que,  
na verdade, não era obrigado a receber. Pa-  
rece-me que o Ferrão se apenas assina-  
se e selasse o recibo e nada me mandasse  
dizer, não justificaria acto de incorrecção e  
eu não faria o melhor reparo.

Mas, enfim, quiz ser amável. Sen-  
tei-me e comecei uma conversação interes-  
sante na qual veio á bailha o caso dos rou-  
bos na Bibliotheca que elle tivera e mais se  
meus denunciou nos seus relatorios, com  
as cautelas devidas, bem como a situação  
da Torre do Tombo ultimamente eulhertha.  
da casa a accção do Alfredo Dinheira.



E na conversação houve certas allusões  
ao Julius Dantas cujas inacções, em tais oc-  
currenças, foi criminosa, etc. etc.

O Antonio Ferrás encontrou com quem  
desafafar!

E, na verdade, desafafou...

E no final ofereceu-me as columnas dos  
Anais, as quaes estariam sempre ás rei-  
nhas ardens como era de direito, etc. etc.

A conversação excedeu meia-hora; e se-  
ria maior se eu não cortasse com receio  
de parecer importuno.

Ficaria com um diuizo?

Lisboa:

Janeiro: 30.

Ontem tomei posse da direcção da Torre  
do Tombo, o dr. Silva Marques que creio  
ser professor da Faculd. de Letras de Lisboa.

Os jornais resumem os discursos pro-  
nunciados no acto da posse, os quaes quer o  
do Inspector int.º Antonio Ferrás que o do  
empresario, tocaram nos pontos essenciaes da  
conversação que ha dias tive com o primeiro.

Centrar-se-ha por novo caminho naque-  
la terrivel Torre do Tombo?

Aquilo está lá reunido a pedir, como  
 dizia o veneravel fr. Bartolomeu dos Martí-  
 res, uma profundissima e reverendissima  
 referencia...  
 Virá agora? Oxalá! Eu e' que já não  
 não aproveitarei dos seus beneficios...  
 Lisboa. O resto, a comitê...  
 Janeiro: 31...  
 Há sessenta annos... Lembra-se bem!  
 Morávamos ainda no 2.º andar da casa da  
 Praça do Comercio, onde nasci; lembi meu  
 tio Allino da Silva subir a escada, apresen-  
 do, e dizer com ar alegre — que no Porto  
 estava proclamada a Republica. Quando en-  
 trei, que vivia em ambiente republica-  
 no e o lembi apesar de creança, fui ao pa-  
 tanhar da escada e gritei:  
 — Viva a Republica!  
 Uma ou duas vezes. Meu tio, que entrá-  
 ra no quarto dele que deitava para os lados  
 do Bomal, lavava as mãos e ria-se; de-  
 baixo, do prim.º andar, surgiu a cabeça  
 do João Gomes Pais, o chefe da officina que,  
 com ar de grande atropalhacao me disse  
 para cima:

— Oh menino! esteja calado!... Olhe a  
policia!

Era a voz do bom senso a aconselhar  
a necessaria prudencia, enquanto se não  
sabesse, á certa, o resultado da revolta.  
E como falsei em policia eu, naturalmente,  
te, intimidei-me e meti o entusiasmo no  
saco...

O que teria acontecido? Lá em casa e  
principalmente na officina havia verdadei-  
ra ansiedade. Venceram? não venceram?

Leandro - meu tio, da consternação, á  
noite, quando se soube da derrota. O João  
Pais meu meio dizia: os meus pais e, ab

— Menino... Olhe a policia...

Bom tempo! ...  
sessenta annos... E eu ainda ando  
por cima desta miseravel crosta terrestre!

professor de...

Lisboa:

Fevereiro: 11.

Ontem, na Academia das Ciencias, heu-  
re sessão sobre eu que o Antonio Carneia  
de Oliveira, successor do Eypenio de Castro  
na cadeira academica de effectivo ou de su-  
mero, fazia o elogio deste conferme as juq

xes e regulamentos da casa do Duque de Lafões. O mesmo cenário do costume: luxo nas damas, com as costas nuas; casacas e fardas, com decorações, etc. O Julio Dantas sempre o infalível e impecável barbação, com a farda académica corstelada de crachás, poléus e talafó. O resto, a cornitiba, com o ar penil dos melhos esculpeiros do Duque D. João de Bragança. Cartarias para um lado, salamaleques para outro, tudo com cerimoniaal compassado, hierático, de um ridiculo super-fino.

Como na assistência estivesse o Trindade Salgueiro, com os seus vermelhos de arcebispo, vá de o pôr em relevo, como figura principal: ex.<sup>mo</sup> arcebispo para aqui, ex.<sup>mo</sup> arcebispo para acolá... Só faltou que lhe dessem a primazia sobre o ministro de Educação, o impáavel Pires de Lima. Mas pouco faltou.

A sessão, em resumo, não esteve á altura do Eupenio de Castro — que, na verdade, mereceria mais.

O Julio Dantas, é certo, fez um paralelo curioso entre o Eupenio e o Correia de Oli-